

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS

RODRIGO ALIPIO CARVALHO DO NASCIMENTO

*ZERO OU UM: USO DO ARTIGO INDEFINIDO DIANTE DE NOMES INCONTÁVEIS*

Rio de Janeiro - RJ

2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

*ZERO OU UM: USO DO ARTIGO INDEFINIDO DIANTE DE NOMES INCONTÁVEIS*

Rodrigo Alipio Carvalho do Nascimento

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Professora Doutora Maria Cecilia Mollica

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2008

Alipio, Rodrigo  
ZERO ou UM: uso do artigo indefinido diante de nomes  
incontáveis / Rodrigo Alipio Carvalho do Nascimento. -- Rio de  
Janeiro, 2008  
123 f. ; 29 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Faculdade de Letras, 2008  
Orientador: Maria Cecília de Magalhães Mollica  
Banca examinadora: Cláudia Nívea Roncarati de Souza, Mário  
Eduardo Toscano Martelotta  
Bibliografia

1. Artigo Indefinido. 2. Teoria da Variação. 3. Interação . I. Título.  
II. Rio de Janeiro-Faculdade de Letras.

CDD

*ZERO OU UM: USO DO ARTIGO INDEFINIDO DIANTE DE NOMES INCONTÁVEIS*

Rodrigo Alipio Carvalho do Nascimento

Orientadora: Professora Doutora Maria Cecília de Magalhães Mollica

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Examinada por:

---

Presidente, Profa. Doutora Maria Cecília de Magalhães Mollica

---

Profa. Doutora Cláudia Nívea Roncarati de Souza - UFF

---

Prof. Doutor Mario Eduardo Toscano Martelotta - UFRJ

---

Profa. Doutora Maria Jussara Abraçado de Almeida – UFF, Suplente

---

Profa. Doutora Lílian Vieira Ferrari – UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2008

*Ao meu avô Paulo,  
aos meus pais,  
não só por ser os **Caius Maecenas** de minha vida,  
mas por ser modelo, por eu ser o que sou;*

**à Cecilia Mollica,**

*pelo incentivo e generosidade constantes,  
por sempre acreditar neste tema e por acreditar  
que eu seria capaz de chegar até o fim dessa etapa;*

**à Lucia Quental,**

*pelo incentivo e generosidade constantes,  
por duvidar sempre deste tema e por me passar um de  
seus grandes ensinamentos: Nada como a "dúvida sistemática"  
do cientista para fazer avançar o conhecimento;*

*à comunidade acadêmica,*

*pela inspiração;*

Dedico.

## AGRADECIMENTOS

Àqueles que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Em primeiro lugar, à professora **Cecília Mollica**, mais que uma orientadora, uma grande amiga, que me acompanha desde o início de minha graduação, e que me acompanhará sempre por minhas aventuras acadêmicas. Obrigado pela generosidade, pela competência, pelo cuidado, pelo incentivo, pelas broncas, pelos elogios, pela postura ética e firme. Obrigado pelos materiais, pelo espírito de pesquisa, pelos domingos em que me acolheu em sua casa. Obrigado pelas águas de coco em caixinha e pelos sanduíches com goiabada.

Aos meus professores do curso de mestrado, responsáveis por minha formação. Em especial à **Lucia Quental**, por sempre duvidar de meu tema. Ao **Celso Novaes** e à **Lílian Ferrari**, pela seriedade e competência. À **Aniela França**, ao **Marcus Maia**, à **Myrian Freitas**, pelos ensinamentos firmes. À **Vera Paredes**, à **Maria Luiza Braga**, à **Conceição Paiva**, por me ensinar a pesquisar com gosto e vontade.

Aos professores **Elizabeth Saraiva**, UFMG, e **Pedro Perini-Santos**, PUC-Minas, pelas sugestões bibliográficas.

À professora **Ana Müller** e às pesquisadoras **Lídia Lima** e **Nize Paraguassú**, da USP, por me apresentarem aos estudos sobre a contabilidade em PB.

Ao professor **Mário Martelotta**, pela generosidade em me indicar materiais sobre funcionalismo e pelas primeiras contribuições ao meu trabalho logo na etapa de seleção ao curso de mestrado.

À Professora **Claudia Roncarati**, pela seriedade, postura ética e bom-humor contagiantes.

Aos meus professores de graduação, na Faculdade de Letras, da UFRJ, que plantaram em mim a semente da curiosidade acadêmica, em especial à **Mônica Nobre**, **Maria Maura Cezário**, **Aurora Neiva**, **Sílvia Becher**, **Márcia**



**Machado, Sílvia Rodrigues, Christina Gomes, Sônia Zyngier, Norma Joseph.**

À professora **Maria Eugênia Duarte**, pelas valiosas sugestões em ocasião do 55º Seminário do GEL, em Franca-SP.

Às alunas de graduação da Faculdade de Letras, **Tamara Viana e Martha de Mello**, pela ajuda com a coleta dos dados para esta pesquisa.

À **Martha**, bibliotecária do Departamento de Lingüística e Filologia da UFRJ, pelas longas conversas e pela ajuda com livros e textos de difícil acesso.

À amiga e professora do Instituto de Matemática da UFRJ, **Marisa Leal**, pelo carinho, cuidado e palavras amigas durante o percurso.

À equipe de professores e bolsistas do Programa de Estudos sobre os Usos da Língua, que me acompanha desde a época da graduação, em especial à querida **Solange Tristão**, secretária do PEUL, pela amizade dedicada.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-graduação da Faculdade de Letras da UFRJ, pelo apoio burocrático durante os dois anos de curso, pelos telefonemas à minha casa, lembrando-me de quão relapso com “papéis” eu sou.

A todos do Programa de Alfabetização da UFRJ para Jovens e Adultos de Espaços Populares, em especial à **Solange Rodrigues**, pelo carinho, e à **Ana Paula Abreu**, pela compreensão em alguns momentos de ausência. À PR-5 e à COOPETEC - Petrobrás, pelo apoio financeiro.

À **Danielle Sequeira** e à **Elaine Gonçalves**, amigas queridas, que me acompanham desde nossa entrada na graduação, por compartilhar comigo muitas aventuras, incluindo as do curso de mestrado. À **Dani**, pela competição saudável desde sempre, por permitir minhas brigas e implicâncias nos momentos em que precisava explodir, por me telefonar no meio da madrugada, em estado etílico alterado, para dizer que me amava. À **Nani**, pela doçura e firmeza em todos os momentos.

À **Viviane Araújo**, amiga de longa data, pelo companheirismo e amizade, presente em todos os momentos de desespero “dissertativo”, por ser meu

contraponto, por me conhecer como conhece e mesmo assim ainda gostar de mim. À **Ângela**, sua mãe, pelas palavras de sabedoria.

Aos colegas e companheiros de jornada, por compartilhar todos os momentos, em especial à querida **Mariana Klôh Rabello**, cujos interesses transpassam os acadêmicos.

À **Luciana Silva**, amiga de “graduação”, pela descontração necessária nos momentos de tensão, por compartilhar interesses acadêmicos, pela companhia virtual nas longas madrugadas durante o processo de finalização deste texto.

À **Mônica Monteiro**, pelo tempo em que trabalhamos juntos no PAJA/UFRJ, por sempre me “botar para cima” e por ser um exemplo de pesquisadora, de educadora popular, de mulher vencedora.

À **Leléia**, por se fazer presente nestes momentos de confusão, pelas aventuras cheias de emoção Brasil afora.

A todos educadores com os quais trabalhei Brasil afora, a todos meus alunos, a todos meus colegas de trabalho que sempre torceram por mim.

A todos meus familiares, que torceram muito por mim. Em especial a meus avós, **Lúcia** e **Alípio**, e a minha madrinha, **Leni**, pela força, sempre.

A todos meus amigos do MH, em especial à **Andréa**, **Ricardo**, **Alice**, **Sabine**, **Valdir**, **Vini**, **Ana**, **Mônica**, **Claudio**, **Jac**, **Valéria**, **Wan**, por me mostrar que um novo mundo é possível.

A todos meus amigos, que souberam entender minhas alegrias, tristezas e principalmente minha ausência nos últimos meses.

Aos compositores da canção *Líder dos Templários* que funcionou nesses tempos como uma espécie de mantra: *Tem fé que Jorge é de ajudar a todo brasileiro, brasileiro guerreiro...*

**Muito obrigado!**

*Por trás de uma aparente ausência de regras do fenômeno social, existe uma regularidade na sua configuração que é tão real quanto aquela dos processos físicos do mundo mecânico... Uma língua é, sobretudo, um produto social e cultural e como tal deve ser entendida.*

Edward Sapir, 1929

*The language of face-to-face conversation is the basic and primary use of language, all others being best described in terms of their manner of deviation from that base*

Charles Fillmore, 1974

*Analysis is never done without preconceptions; we can never be absolutely non-selective in our observations.*

Deborah Cameron, 2000

*Difícilmente podemos (ou poderemos algum dia) indicar o marco de tempo exato a partir do qual os fatos de língua tornam-se interessantes temas aos cientistas da linguagem humana.*

Cecilia Mollica, 2006

## RESUMO

ALIPIO, Rodrigo. *ZERO ou UM: uso do artigo indefinido diante de nomes incontáveis*. Dissertação (Mestrado em Lingüística)\_Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. 123f.

A pesquisa desta dissertação volta-se para o uso do artigo indefinido diante de referentes de traço não contável. A utilização no português falado do Brasil de estruturas como *Eu quero **uma** água e Aceita  $\emptyset$  bebida?* fez-se notar tanto em dados de crianças, jovens e adultos quanto em distintos contextos. Cercamos o fenômeno no contexto em que nos parece que ele seja mais recorrente. Acreditamos que ele opera notoriamente em (i) contextos de pedido e oferta de produtos, como por exemplo em interação cliente-vendedor; (ii) em gêneros procedimentais, como as instruções de receita culinária. Nosso principal objetivo é o de demonstrar a sistematicidade existente da variação, aparentemente aleatória, de tal modo a determinar as motivações de uso. Estabelecemos a relação da perspectiva dos estudos sócio-interacionais com o tratamento laboviano dos dados. A escolha de uso  $\emptyset$  ou *um* está correlacionada a motivações externas ao sistema lingüístico e sujeita a pressões de natureza comunicativa de acordo com o contexto em que falante e ouvinte acham-se envolvidos. O “corte” que nós fizemos nessa dissertação, considerando apenas os dados interacionais, está longe de representar todos os aspectos que envolvem o objeto de estudo. Apresentamos uma proposta de análise centrada na gradiência de formalidade das construções. Apresentamos resultados estatísticos referentes a variáveis lingüísticas que demonstram efeito positivo na escolha das formas variantes. Entretanto, como não foi feita uma abordagem longitudinal nem estratificação etária, não chegamos à conclusão, nesta etapa da pesquisa, se o fenômeno configura uma inovação lingüística.

**Palavras-chave:** sociolingüística variacionista, artigo indefinido, nomes incontáveis, estilo conversacional.

## ABSTRACT

ALIPIO, Rodrigo. *ZERO ou UM: uso do artigo indefinido diante de nomes incontáveis*. Dissertação (Mestrado em Lingüística)\_Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. 123f.

The research in this dissertation deals with the usage of the indefinite article before mass nouns. The usage in Brazilian Spoken Portuguese of structures such as: *Eu quero uma água.* and *Aceita ø bebida?* was noticeable in children, youngster and adult data as well as in distinct contexts. We have limited the phenomena in the context in which it seems to be more recurrent. We believe it notoriously operates when (i) offering and requesting substances, as in the interaction client-salesperson; and (ii) it encompasses procedural genre, as in culinary recipe instructions. Our main objective is demonstrating the systematic occurrence of the phenomena, apparently used by chance, as a manner of determining its usage contexts and motivations. We established the relationship of interactional studies for the labovian data treatment. The choice would be related to motivations, which are external to the linguistic system and subject to communicative pressure according to the context in which speaker and hearer find themselves involved. The frame selected for this work, considering only interactional data, is far from representing all of the aspects which involve our study object. We have presented an analysis proposal centered on the continuum of formality in the collected data. In the reflexive process, we present statistic results of linguistic variables, which enter the game when choosing varying forms. However, since neither a longitudinal approach nor an age stratification was performed we did not reach a conclusion in this phase of research on whether the phenomena encompasses linguistic innovation.

**Key-words:** Variational sociolinguistics, indefinite articles, uncountable nouns, conversational style.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	15
1. PERGUNTAS FUNDADORAS E HIPÓTESES .....	20
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	23
2.1    O artigo indefinido .....	23
2.2    A contabilidade em PB .....	28
3. REFERENCIAL TEÓRICO .....	35
3.1    A heterogeneidade lingüística .....	35
3.2    Sociolingüística Interacional .....	41
3.3    Sociolingüística e Estilo .....	50
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	56
4.1    Justificativa metodológica .....	56
4.2    Database .....	58
5. RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES À LUZ DAS HIPÓTESES ....	61
5.1    Análise qualitativa: sondando o território .....	61
5.2    Análise variacionista .....	67
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E DESDOBRAMENTOS DESTE TRABALHO .....	85

7. REFERÊNCIAS .....	91
----------------------	----

## ANEXOS

1. CONTEXTO INTERACIONAL I .....	02
1.1 Cantina Centro Espírita .....	02
1.2 Cantina Faculdade de Letras/UFRJ .....	09
2. CONTEXTO INTERACIONAL II – Avião: serviço de comissárias de bordo .....	13
3. CONTEXTO INTERACIONAL III – Café Literário .....	20



## INTRODUÇÃO

Uma questão instigante para pesquisadores voltados para a análise dos usos lingüísticos reside em descobrir estruturas novas, que se introduzem na língua no momento histórico em que o pesquisador também está vivendo. Estar consciente da heterogeneidade inerente e sistemática dos sistemas e do controle de fatores motivadores não garante ao estudioso desvendar candidatos à mudança lingüística, dado que o pesquisador, também falante, encontra-se imerso na sua história e não possui distanciamento suficiente para adotar perspectiva de fora da história.

A bagagem de pesquisa na área nos fornece subsídios para afirmar que são muitas as perspectivas a adotar para abordar a questão relacionada à percepção do pesquisador em relação a inovações e a retrações na língua, tanto afetas ao conhecimento teórico e à observação científica de dados de usos, no sentido estrito, quanto à intuição aparentemente ingênua e despreziosa, assemelhada à do leigo.

As inovações são notadas, seja através de conceitos e princípios de paradigmas teóricos, seja pelo exame mais atento do processamento da linguagem, seja por meio do encadeamento de perguntas que a Ciência vai histórica e paulatinamente postulando.

(MOLLICA & ALIPIO, 2006, p.97)

Os resultados da pesquisa desta dissertação voltam-se para o uso do artigo indefinido diante de referentes de traço não contável. A

utilização no português falado do Brasil de estruturas como *Eu quero **uma** água* e *Eu quero **o** água?* fez-se notar tanto em dados de crianças, jovens e adultos quanto em distintos contextos.

O fenômeno que escolhemos despertou atenção a partir da conhecida expressão *Quer um cafezinho?*. A observação mais detalhada da utilização do referido artigo diante de inúmeros outros nomes com traço [- contável] motivou-nos a aprofundar a investigação do objeto selecionado para análise, que, de início, parecia de pouca relevância.

Ao atestar o fenômeno em amostras diversas, deparamo-nos com um universo mais complexo do que o esperado. A utilização do artigo indefinido aqui examinado mantém também relação com o uso do artigo definido, fato que dificultou ainda mais a delimitação do objeto de estudo. Por isso, decidimos deixar de lado, temporariamente, alguns dos dados que envolvem as estruturas em estudo, retirando os casos de artigos definidos.

Procedemos à investigação por etapas, considerando primeiramente o preenchimento do artigo indefinido em oposição ao não preenchimento, tal como nos exemplos *Aceita café?* e *Aceita um café?*.

Trabalhar tão somente os dados em contextos interacionais constituiu outra importante decisão para restringir o objeto de estudo nesta primeira fase, assim como, também, investigar o fenômeno como variável *stricto sensu*, utilizando-se de metodologia laboviana. O recorte resultou forçosamente em descartar dados como *Tomar banho* e *Tomar*

*um banho*, cuja utilização do artigo imprime uma nuance de sentido. Em fase posterior, temos o objetivo de contemplar esses casos e de outros não incluídos na análise.

Optamos também por “cercar” o fenômeno no contexto em que nos parece ser mais recorrente. Acreditamos que as construções em tela operam notoriamente em (i) contextos de pedido e oferta de produtos, como, por exemplo, a interação cliente-vendedor; e (ii) em gêneros procedimentais, como as instruções de receita culinária.

O estudo de usos dos artigos tanto definidos quanto indefinidos em língua portuguesa tem muito a se desenvolver. No âmbito da sociolingüística variacionista, há registros de trabalhos sobre o artigo definido. Os pioneiros foram as pesquisas de Silva (1989, 1996), Callou (1992) e Callou & Silva (1997) que trataram da questão da variação do artigo definido diante de possessivos e de patronímicos. Entretanto, não há registros de estudos de cunho variacionista laboviano sobre usos do artigo indefinido, o que empresta um caráter inovador a esta dissertação, dando-nos oportunidade de oferecer contribuição nova à área.

Um fator que, mais uma vez, nos motivou a avançar com essa pesquisa é o de não haver indicações em Gramáticas sobre tal fenômeno. Dado que na Tradição não se encontram registros e dado que há ocorrências do fenômeno na fala em diversas situações de uso, a necessidade desse estudo torna-se evidente.

Esta dissertação vincula-se à linha de pesquisa Língua e Sociedade, cujas principais áreas de interesse são as seguintes: análise de repertórios lingüísticos e discursivos de comunidades de fala; diversidade cultural e lingüística; variação e mudança, entre outras. Dessa forma, enfocamos o estudo em mudança e variação lingüística, com ênfase na análise interacional da comunicação

O texto desta dissertação estrutura-se da seguinte maneira:

No capítulo 1, lançamos nossas principais hipóteses e as perguntas iniciais desta pesquisa, assim como os objetivos desta dissertação.

No capítulo 2, dedicado à revisão de literatura, apresentamos as abordagens mais modernas sobre os artigos indefinidos como Neves (2000), Alencar (2006), Lyons (1999), Callou et al (2000) entre outros. A segunda parte deste capítulo foi dedicada à discussão acerca da contabilidade em português brasileiro, em que destacamos os trabalhos de Müller (2002) e Blühdorn et al (2003) entre outros.

Apresentamos, no capítulo 3, o referencial teórico que embasa nossa análise. Abordamos os seguintes tópicos: a heterogeneidade lingüística e a Sociolingüística Variacionista; a língua em uso, Sociolingüística Interacional; Sociolingüística e Estilo. No capítulo seguinte, capítulo 4, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados na elaboração desta pesquisa e a descrição da amostra utilizada.

O capítulo 5 apresenta a análise dos dados à luz das hipóteses. Ao final, no capítulo 6, o texto oferece algumas conclusões e reflexões, bem como questões relevantes para o prosseguimento deste estudo.

## 1 PERGUNTAS FUNDADORAS E HIPÓTESES

A partir do arcabouço teórico-metodológico da Teoria da Variação, que fatores estruturais (intra ou extralingüísticos) favorecem a presença e a não presença do artigo indefinido diante de SN com traço [- contável]? Nosso principal objetivo é o de demonstrar a sistematicidade existente do fenômeno, aparentemente utilizado por acaso, de tal modo a determinar seus contextos e motivações de uso.

Focamos nossa análise do objeto em tela nas motivações de natureza interacional das quais o falante lança mão no contexto específico que estamos estudando. Acreditamos que possíveis respostas ao nosso problema estarão na análise do *estilo conversacional* utilizado nos dados que compõem a amostra analisada nesta dissertação. O *estilo comunicativo* ou *estilo conversacional* é um conceito da sociolingüística ao parecer desenvolvido por Lakoff e Johnson (2002[1980]) e ampliado por Deborah Tannen (1984). O conceito refere-se às diferentes formas e posturas comunicativas que utilizam as pessoas durante seus episódios conversacionais.

Supomos que o uso está motivado por questões relativas a estratégias envolvendo risco à face. Segundo Goffman (1980[1967]: 77), a

noção de face consiste basicamente no valor positivo assumido publicamente pelos participantes da interação social em diferentes contextos. O princípio de polidez está ligado aos atos de ameaça à face (Brown & Levinson, 1987:287). Há três fatores sociológicos que interferem na escolha das estratégias lingüísticas: (a) o poder do falante sobre o ouvinte, (b) a distância social entre o falante e o ouvinte e (c) o grau de imposição envolvido no ato de ameaça à face. A suspeita é a de que a indiretividade é fator de relevância para a variação do preenchimento do artigo indefinido diante de SNs com traço [-contável].

Nossa hipótese, aqui, é que o uso do *um* em determinado contexto motiva-se por pressões interacionais, tais como as noções de face e polidez. Para esta fase da pesquisa, julgamos interessante apresentar a hipótese interacional de que esse uso do artigo indefinido esteja relacionado a diferenças entre estilos conversacionais. Propomos uma *escala*<sup>1</sup> de formalidade em que, quanto mais formal, mais custo no pedido e mais chances de preenchimento do artigo. Através de um teste de atitude informal<sup>2</sup>, esta hipótese não é refutada.

---

<sup>1</sup> No decorrer deste texto usaremos outras palavras para referir a *escala* de formalidade como *gradiência*, *graus*, entre outras.

<sup>2</sup> Neste teste, perguntamos informalmente a falantes nativos do português (a) como eles ofereceriam alguma coisa para beber ou comer a alguém que acabasse de chegar a sua casa e (b) como eles pediriam algo para beber ou comer em algum lugar em que eles não fossem íntimos. A maioria dos falantes respondeu com SN introduzidos pelo *um/uma*, muitas vezes conjugado ao grau diminutivo do N incontável, confirmando, assim, nossa suspeita de que essas estratégias interacionais motivam o preenchimento.

Junto a essa escala de formalidade, medida em nossa análise através do item verbal, apostamos em estratégias envolvendo a indiretividade do pedido (VILLAÇA, 2003)

No dado (1) *Aceita uma água?*, há a configuração direta de uma estratégia de oferta, contendo um item verbal que imprime certo grau de formalidade. Na construção (2) *Tem  $\emptyset$  água*, por tratar-se possivelmente de estratégia de pedido com o verbo “ter”, esta oração impõe um estilo conversacional mais indireto, já que, em primeira instância, esse item verbal não configura por si só uma estrutura de pedido. Podemos apostar inclusive em uma possível ressemantização do verbo, o que não é objetivo deste trabalho apresentar.

Outra hipótese deste trabalho prende-se à ocorrência de determinadas estruturas por meio de operações de transferência metonímica/ metafórica (cf. TRAUGOT & HEINE, 1993). Essa perspectiva vem sendo examinada pelos funcionalistas, especialmente em estudos voltados sobre processos de gramaticalização.

Lembramos que a presente pesquisa aborda tão somente a alternância  $\emptyset \sim \mathbf{um}$  e deixa de lado temporariamente o exame dos usos de artigos definidos bem como de outros determinantes de SNs, embora, todos os casos sejam importantes para a compreensão mais abrangente de aspectos relativos à construção referencial do discurso. Registramos, desde já, o compromisso de abordar tais aspectos em etapas futuras.



### 3 REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1 O ARTIGO INDEFINIDO

A classe dos artigos indefinidos é representada unicamente pelo elemento *um* e suas flexões. Diferentemente dos artigos definidos, os indefinidos são palavras não fóricas. São usados antes de substantivos quando não se deseja apontar ou indicar a pessoa ou coisa a que se faz referência, nem na situação, nem no texto. Assim o sintagma nominal com o artigo indefinido apresenta um ser simplesmente por referência à classe a qual pertence; em outras palavras, apresenta como elemento de uma classe (cf. ROCHA LIMA, 1973 ; CUNHA e CINTRA, 2001 ; NEVES, 2000).

Segundo Neves (2000), o artigo indefinido tem, freqüentemente, um uso não-referencial, aplicando-se a todo e qualquer membro da classe, grupo ou tipo que é descrito pelo sintagma, constituindo uma generalização, como em (3):

- (3) Eu adoro tomar **um refrigerante** bem geladinho assim no verão, sabe?

Neves (op. cit.) ainda aposta que, em certos empregos do artigo indefinido, fica muito bem caracterizado que o substantivo que o artigo acompanha indica uma classe, não um indivíduo, como nos exemplos (4) e (5):

(4) Somente **um maluco** se atreveria duvidar do capitão Natário da Fonseca.

(5) **Um cachorro** não pesa muito, mas pesa mil vezes mais que uma borboleta.

O artigo indefinido tem como emprego bem característico a introdução, no texto, de um referente que, na seqüência, poderá ser referenciado por qualquer palavra fórica (cf. NEVES, 2000; CHAFE, 1992). Quanto à sua natureza, de um modo geral, pode-se apontar que o artigo indefinido acompanha um substantivo comum, destacando um ou mais indivíduos dentre todos os indivíduos da classe. Assim, ratifica-se a idéia de que o sintagma com artigo indefinido, em princípio, é generalizante, não fazendo referência a um objeto que seja o único em sua classe. Tradicionalmente, essa é a função dos sintagmas iniciados com artigo definido.

Entretanto, há usos de sintagmas nominais referenciais iniciados por artigo indefinido como em (6):

(6) Não posso crer na sinceridade de um homem que vende a todas as mulheres o que deveria dar, por amor, a uma só.

Por definição, o artigo indefinido afirma a indeterminação do ser em relação à sua classe, não afirmando assim sua singularidade – embora ela exista. O numeral afirma a singularidade do ser, ou a qualidade de único – embora a indeterminação possa existir. Segundo Neves, do ponto de vista da quantidade, isso significa que, no caso do artigo indefinido,

fala-se de “pelo menos um”, enquanto, no caso do numeral, fala-se de “exatamente um”.

Apesar disso, em muitos enunciados, tal diferença é neutralizada; pois fica difícil concluir-se se o que está no primeiro plano é um ou outro valor. Como em (7)

(7) Pelo menos metade de **uma parede** de sua sala é coberta com livros sobre futebol.

Em (7), podemos interpretar o sintagma ‘uma parede’ como sendo apenas uma parede e não duas; ou, ainda sendo uma parede qualquer e não uma parede indeterminada. (cf. LIMA-SILVA, 2004)

Importante para a definição dos artigos tanto definidos quanto indefinidos é a conceituação do princípio da definitude que rege o comportamento morfossintático e semântico-pragmático dessa classe<sup>3</sup>. Apesar de não estar diretamente ligado à análise proposta nesta dissertação, este princípio imprime profunda relação ao fenômeno em tela. Deixamos a inclusão desse fator como desdobramento desta pesquisa, estando diretamente ligado à expansão dos contextos estudados e de dados de naturezas diversas ao contexto interacional selecionado para a constituição deste texto.

---

<sup>3</sup> Assumimos, nesta dissertação, a postura tradicional (cf. ROCHA LIMA, 1973; BECHARA, 2001) de que tanto os artigos definidos quanto os indefinidos pertencem à mesma classe morfossintática, não considerando questões históricas e evolutivas da língua portuguesa, já que está provado que eles têm origens diversas (cf. TEYSSIER, 1980). Para Neves (2000), somente os definidos podem ser considerados artigos “verdadeiros”, devido ao seu caráter referencial.

Tradicionalmente, tem-se considerado um nome como definido ou não definido em função do artigo que o acompanha. O artigo definido estaria, então, funcionando como uma marca para indicar “definitude”. No entanto, como mostram diversos contra exemplos, nem sempre o artigo definido ocorre em contextos definidos, como no exemplo clássico “O homem é um ser mortal” em que o substantivo antecedido pelo artigo não representa um ser específico, definido, mas uma classe como um todo, sendo, portanto, genérico (cf. Alencar, 2006; Oliveira e Silva, 1986). Nesse caso, a simples colocação do artigo no SN não seria suficiente para garantir a definitude.

Cavalcante (2001) reconhece dois tipos de definitude. Um tipo de definitude associa-se à noção de identificabilidade (CHAFE, 1994), de natureza cognitiva, definida por um parâmetro pragmático-discursivo; ou seja, um referente será considerado definido (identificável) sempre que o falante supuser que o destinatário é capaz de reconhecê-lo no universo do discurso criado durante a interação. O outro tipo de definitude é de natureza formal e se descreve por critérios gramaticais, quando em SNs estão presentes artigos definidos, demonstrativos, possessivos ou quantificadores (PRINCE, 1992).

O fenômeno da definitude coloca dificuldades especiais, dada a ambigüidade do termo que tanto pode se referir a aspectos formais como a aspectos semântico-discursivos, conforme apontado por Callou et al. (2000, p. 82):

Deve-se ressaltar que as categorias cognitivas de identificabilidade e a gramatical de definitude são, na melhor das hipóteses, imperfeitas e imprecisas. Não há uma correlação bi-unívoca entre identificabilidade e não-identificabilidade de um referente e definitude ou indefinitude gramatical do sintagma nominal que designa aquele referente. Uma evidência dessa falta de correspondência pode ser observada no uso do artigo definido diante de possessivos e de nomes próprios, variável de língua para língua.

Vários autores que estudaram a definitude já reconheceram que não há consenso entre os critérios mais freqüentemente utilizados para defini-la. Silva (1991) ressalta que a maioria dos autores que investigaram tal fenômeno segmentou essa propriedade de diferentes modos. Na verdade, a definitude decorre de um conjunto de traços, que variam de autor para autor, que costumam agir juntos.

Du Bois (1980: 204) já havia salientado a importância de se tratar o fenômeno da definitude de modo mais aprofundado, merecendo atenção especial o quadro teórico em que esse termo é definido. O autor menciona que não raro a literatura se restringe a investigar definitude em termos de um critério formal que considera a presença do artigo definido em relação à presença do artigo indefinido. O autor insiste na relevância de um critério funcional para o estudo da definitude, já que a escolha pelo falante entre o uso ou não do artigo está associada a fatores pragmáticos e semânticos como a referenciação ou a não-referenciação e a identificabilidade ou a não-identificabilidade.

A definitude está no referente que deverá ser rastreado ao longo do discurso. No seu estudo aprofundado sobre a maneira como os falantes introduzem objetos no discurso e como os traçam através do discurso, Lyons(1999) menciona que, quando um objeto importante aparece pela primeira vez no discurso, o falante geralmente o introduz de forma descritiva, provendo assim a informação necessária ao ouvinte; posteriormente, o falante retorna o referente fazendo avançar a narrativa. O referente definido é o referente saliente naquele evento de fala, seja ele obtido por meio do discurso (referente anafórico), seja processado por meio de frames. Nesse caso, mesmo a primeira menção pode ser tratada como definida.

### 3.3 A CONTABILIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

As gramáticas tradicionais da língua portuguesa classificam os substantivos em próprios x comuns, concretos x abstratos, individuativos x coletivos x massivos, entre outras classificações. Tais tipologias tendem a fundamentar-se em conceitos filosóficos mais do que em dados lingüísticos. O mesmo é válido, em princípio, para a distinção entre substantivos contáveis vs. não-contáveis (cf. MATEUS et al., 1983, p. 77; NEVES, 2000, p. 82).

Por enquanto pouco discutida em relação à língua portuguesa, ela é comum nas gramáticas do inglês. Segundo Quirk et al. (1985: 245), os substantivos contáveis denotam *individual countable entities* e os não-contáveis, *undifferentiated masses* ou *continua*. No entanto, como os autores advertem, essa distinção não se explica plenamente em termos de propriedades dos objetos do mundo extra-lingüístico. Ela também é uma distinção gramatical da língua inglesa, que pode ou não existir de maneira semelhante em outros idiomas (cf. CAMACHO & PEZATTI, 1996, p. 156).

Quirk et al. (1985: 245) formalizam a distinção entre *count* e *noncount nouns* mediante cinco critérios distribucionais. Segundo eles, apenas os substantivos contáveis possuem formas de plural. No singular, eles podem ser usados com o artigo indefinido *a/an*; no plural, permitem o emprego desacompanhado de artigos e quantificadores<sup>4</sup>. Ambas as possibilidades não existem com os não-contáveis. Esses podem ser combinados com quantificadores como *some* e *any*. Com base nesses critérios, os autores reconhecem, para a língua inglesa, três classes de substantivos: *count nouns* (como *book*), *noncount nouns* (como *furniture*) e *nouns with 'dual class membership'* (como *brick* ou *cake*). Sendo os últimos usados, ora como contáveis, ora como não-contáveis.

Os autores tratam tais empregos como casos de conversão, ou seja, troca de classe lexical. Mas seus exemplos mostram que as

---

<sup>4</sup> chamado uso *bare* dos nomes( cf. GILLON, 1992; MÜLLER, 2002)

interpretações do substantivo como contável ou não-contável são desencadeadas pelo quantificador e pela forma de número. Por isso, cabe questionar se, para o substantivo inglês, a distinção gramatical entre contável e não-contável se sustenta, ou se ela deveria, de fato, ser atribuída, mediante quantificador e número, ao sintagma nominal, conforme a discussão proposta por Allan (1980) (cf. BLÜHDORN et al, 2003).

Em relação ao PB, a questão da contabilidade foi discutida por relativamente poucos autores. Segundo Blühdorn et al (2003), a primeira monografia no Brasil que se ocupou desse assunto foi a dissertação de mestrado de Simões (1992). Nesse trabalho, manteve-se para o PB a distinção entre substantivos contáveis e não-contáveis como classificação semântica, mas não como divisão morfossintática e distribucional. Simões procurou demonstrar que os substantivos do PB podem combinar-se tanto com marcadores formais de contabilidade, com elementos discursivos de não-contabilidade, com algumas restrições lexicais. A partir de evidências distribucionais, Simões propôs que a distinção opera num nível chamado “semântico formal” e se implementa por meio da presença de pluralização e de certos tipos de quantificadores e determinantes.

Ainda segundo Simões (1992), alguns substantivos apresentam traços de contabilidade enquanto outros não, o que deve dar conta da estranheza de certas combinações sintagmáticas. Desse modo, ainda que sinalize para a ausência de efeitos distribucionais consistentes, a autora



manteve a hipótese de que os substantivos apresentem marcas de contabilidade em PB.

Camacho & Pezatti (op. cit) investigaram a natureza da propriedade [ $\pm$  contável] mediante as possibilidades de combinação dos substantivos do PB com determinantes e quantificadores em sintagmas nominais referenciais e não-referenciais. Em termos gerais, esses autores adotaram o modelo de Quirk et al. (1985) e transferiram-no ao PB. O estudo apontou certas semelhanças do PB com as chamadas línguas classificadoras, por utilizar substantivos secundários para expor idéias de dimensão<sup>5</sup> junto a substantivos não-contáveis em sintagmas do tipo *um fio de cabelo*. Entretanto, embora tivessem levantado diversos fatores que, se fossem levados a sério sugeririam diferenças entre o PB e as outras línguas indo-européias, Camacho & Pezatti (op. cit.) também mantiveram a distinção entre substantivos contáveis e não-contáveis (cf. BLÜHDORN et al, op. cit.).

Blühdorn & Favaretto (2000) retomaram a discussão, argumentando a favor da inexistência de substantivos contáveis no PB. Usando como evidência a distribuição dos totalizadores nominais *cada* e *todo* e dos quantificadores de contagem e de medição, os autores chegaram à conclusão de que o PB possui apenas substantivos não-contáveis e neutros em relação à contabilidade. Substantivos não-contáveis

---

<sup>5</sup> individualização, conjunto ou massa (cf. ALENCAR, 2006; MÜLLER, 2002; LYONS, 1999)

combinam-se com o totalizador *todo* e com quantificadores de medição, mas não com quantificadores de contagem nem com o totalizador *cada*. Substantivos neutros são combináveis com qualquer totalizador e quantificador. Assim, o PB não possui substantivos contáveis. O traço [+contável] só existe em nível do SN, como contribuição semântica do morfema de plural ou de um quantificador distributivo ou de contagem.

Müller (2002) também propõe que não haja substantivos contáveis em português. Para ela, a denotação básica dos substantivos comuns em PB é de massa. A autora centra sua argumentação no comportamento dos genéricos singulares de tipo *bare*, como em *Lagartixa sempre perde seu rabo* e *Jorge sempre lê revista depois do jantar*. Segundo Müller, além de não terem marcas de número, tais nominais comportam-se como denotações não-discretas. Müller diz que, no primeiro exemplo, o possessivo anafórico *seu* herda de seu antecedente a ausência de marcas de número. No segundo, além de não haver marca de número, fica evidente que Jorge poderá ler qualquer quantidade do material de leitura *revista*<sup>6</sup>.

Müller (op. cit.) demonstra ainda que os singulares *bare* não oferecem contextos adequados para elementos que exigem individuação, como o emprego de recíprocos<sup>7</sup> ou de quantificadores distributivos<sup>8</sup>. Para

---

<sup>6</sup> pode ser o caso de que ele leia duas revistas ou até mesmo apenas algumas páginas de uma revista (cf. Hardarik et al, op. cit.)

<sup>7</sup> \**Brasileiro detesta um ao outro*

<sup>8</sup> \**Cada aluno leu livro*

Müller, será necessária a presença de um operador de singularidade ou de pluralidade para que o SN tenha a propriedade de atomicidade necessária a uma interpretação como contável.

Neves (2000:82) aborda a contabilidade como uma questão da “referenciação”, numa dimensão pragmática. A autora mantém a distinção entre substantivos contáveis e não-contáveis como propriedade lexical, mas descreve, com numerosos exemplos autênticos, como as combinações de substantivos com determinantes, quantificadores e morfemas de número podem levar à “flutuação” entre as duas categorias.

Como Blühdorn et al (2003) concluem, a contabilidade no português brasileiro mostrou que, nesta língua, a oposição contável x não-contável não é uma propriedade dos substantivos. Em termos lingüísticos, o PB possui uma oposição gramatical entre dois tipos de quantificadores e outra entre dois números. Mediante essas oposições, uma espécie de equivalência da oposição de contabilidade da língua inglesa pode ser construída em nível do sintagma nominal. Os quantificadores possuem valores fixos de individuação em suas entradas lexicais. Os substantivos, por sua vez, podem ser usados com grande liberdade em combinação com ambos os números e com quantificadores de ambas as classes. Eles não possuem nenhum traço sintático-semântico que determine sua contabilidade.

Essa conclusão corresponde a dizer que o PB já não obriga o falante a marcar todos os referentes no seu discurso como contáveis ou

não-contáveis. É “possível descrever o referente como uma entidade neutra, deixando sem resolver se (...) [ele] é individuado ou não” (Camacho & Pezatti, 1996: 159). Para os autores, essa descrição refere-se às chamadas línguas classificadoras, como o japonês e o chinês mandarim, distinguindo-se do PB. No entanto, as nossas observações sugerem que ela contemple perfeitamente a situação em PB. Os autores ainda dizem que é verdade que a língua portuguesa também não obriga o falante a usar classificadores para marcar o sintagma nominal como contável. Para tanto, bastam, nesta língua, os quantificadores distributivos e de contagem, enquanto os quantificadores neutros preservam a neutralidade do substantivo.

Blühdorn et al (op. cit.) afirmam que:

“qualquer emprego de substantivos que possua interpretação dentro desses moldes é bem-formado em PB. Conseqüentemente, as preferências por um determinado número ou por quantificadores de um determinado tipo, que podem ser observadas com alguns substantivos, não são propriedades lingüísticas desses lexemas, mas sim, conseqüências do conhecimento conceitual dos seus usuários”.

## 4 REFERENCIAL TEÓRICO

### 4.1 A HETEROGENEIDADE LINGÜÍSTICA

O termo Sociolingüística surgiu, em 1964, como título do trabalho apresentado por William Bright (*Sociolinguistics*) em um congresso realizado na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), que reuniu lingüistas interessados nos estudos das relações entre língua e sociedade. Para Bright (apud ALKMIM, op. cit., p. 28), a Sociolingüística “[...] deve demonstrar a covariação sistemática das variações lingüística e social. Ou seja, relacionar as variações lingüísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade.”

O conceito de Bright para a Sociolingüística faz um recorte no quadro geral dos estudos das relações entre língua e sociedade, fixando como campo específico desse enfoque a chamada Sociologia Variacionista. Corroborando esse ponto de vista, Mollica (2003, p. 9) afirma: “A Sociolingüística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente.”

Bright (op. cit., p. 17) afirma:

O termo 'sociolingüística' é bastante recente. Da mesma forma que seus co-irmãos mais antigos, 'etnolingüística' e 'psicolingüística', não é fácil defini-lo com precisão; na verdade, estes três termos tendem a se interseccionar parcialmente quanto a seu objeto e, até certo ponto, a refletir diferenças nos interesses e abordagens dos pesquisadores mais do que no objeto de estudo propriamente dito.

De fato, é correto afirmar que os estudos sociolingüísticos, da mesma forma que os abarcados sobre o nome 'sociologia da linguagem', tratam das relações entre língua e sociedade. Mas tal afirmação é excessivamente vaga. Se tentarmos ser mais exatos, observaremos que a sociolingüística difere de algumas preocupações anteriores com as relações língua-sociedade, pelo fato de que, seguindo novas perspectivas da própria lingüística, considera tanto a língua quanto a sociedade como sendo uma estrutura e não uma coleção de itens.

A tarefa da sociolingüística é, portanto, demonstrar a covariação sistemática das variações lingüística e social e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação casual em uma ou outra direção.

A partir da proposta desenvolvida por Weinreich, Labov e Herzog (1968), surge a Teoria da Variação com o objetivo de descrever a língua e seus determinantes sociais e lingüísticos, levando em conta seu uso variável. A língua que era vista como um sistema homogêneo, uniforme, estático, podendo ser estudado fora da comunidade de fala, ou como competência lingüística na mente do falante, passa a incorporar o pressuposto da variação sistemática, motivada por tensões sociais que operam sobre seus usos, não devendo, portanto, ser estudada fora do contexto social.

A Sociolingüística Variacionista considera a variedade das formas em uso como um objeto complexo, decorrente tanto de fatores intralingüísticos quanto de fatores sociais que interagem no ato da comunicação. Para Weireich, Labov e Herzog (op. cit.), um modelo que estudasse os fatos de uso variável de uma língua com seus determinantes sociais e estilísticos conduziria às descrições mais adequadas da competência lingüística e produziria uma teoria da mudança da língua isenta de paradoxos, tais como os que os lingüistas históricos vinham se debatendo há tempos. Uma teoria da mudança deve conceber a língua como um objeto possuidor de heterogeneidade sistemática, tanto do ponto de vista sincrônico quanto do diacrônico. É necessário estudar, também, a língua do indivíduo na comunidade em situação real de fala.

A Teoria da Variação, como diz Labov (1972:223-226 e 1994:09), enfatiza a variabilidade e concebe a língua como instrumento de comunicação usado por falantes da comunidade, num sistema de associações comumente aceito entre formas arbitrárias e seus significados. Objetiva descrever processo de mudança em função de variáveis internas à língua e externas, relacionadas ao falante ou à comunidade como gênero, faixa etária, escolarização, classe social etc. Essas variáveis recebem tratamento probabilístico sendo possível revelar que ambientes lingüísticos influenciam regularmente a freqüência de uma variante e que contextos são mais relevantes para o fenômeno selecionado para análise.

Dessa forma, para a confirmação dos casos de variação ou mudança, a pesquisa sociolingüística implica, minimamente, o levantamento cuidadoso dos registros de língua, descrevendo-lhes e traçando o perfil das variantes. O objetivo da análise consiste em verificar a sistematicidade dos fatores estruturais e sociais condicionantes.

Para a Teoria da Variação, os fatos lingüísticos são considerados entidades teóricas de modo que a realização de uma ou outra variante das duas formas em competição constitui o objeto de análise. A frequência de aplicação de uma dada regra opcional pode depender fortemente de restrições do contexto lingüístico e dos aspectos sociais diretamente ligados ao falante. Conforme Naro (1992:18), a operação de uma regra variável é sempre o efeito da ação simultânea de vários fatores.

Os variacionistas demonstram a impossibilidade de se estudar a língua como entidade autônoma, sem levar em conta seus falantes inseridos em contextos socioculturais. A mudança lingüística, assim, não ocorre exclusivamente por causa de fatores internos, imanentes, inerentes à língua como sistema: ela também apresenta uma forte motivação social, cuja desconsideração impede a compreensão mais ampla do fenômeno da linguagem humana em sua complexidade.

Como diz Chambers (1996), a Sociolingüística, como o estudo dos usos sociais da linguagem, compreende uma variedade de enfoques possíveis. A partir de uma simples conversa, podemos inferir a existência



de um amplo leque de informações sobre pessoas que não conhecemos. Os tipos de inferências que fazemos tacitamente se enquadram em cinco categorias gerais: *peçoal, estilística, social, sócio-cultural e sociológica*.

Dentre os atributos *estilísticos* que nos interessam nesta pesquisa, destacam-se as discriminações espontâneas e quase instantâneas referentes ao grau de familiaridade, idade e hierarquia entre os participantes de uma conversação. Essas diferenças associam-se a correlatos sociais: por exemplo, o grau de formalidade tende a aumentar em proporção ao número de diferenças sociais entre os participantes.

Em palavras de Chambers (op. cit., p. 5)<sup>9</sup>:

The sociolinguistic relevance comes about because our ability to judge the formality of a conversation is largely determined by linguistic cues. Casual conversations tend to be more rapid, with more syntactic ellipses. Highly formal conversations can also be very rapid if a participant is very nervous, but in that instance the syntax is usually stilted and somewhat breathless and the phonology articulated unnaturally.

Clearly, if the relative formality of a conversation can cause speakers to adjust their phonology and other aspects of dialect and accent, then style is an independent variable that affects the dependent speech variables. The importance of style was recognized in what is perhaps the very first attempt at modern sociolinguistics, when Fisher (1958:49) noted the choice of the suffix [*in*] for [*i* ] in participles like *walkin'*, *talkin'* and *thinkin'* in the speech of Boston schoolchildren 'changed from an almost exclusive use of *ing* in the [testing] situation to a predominance of *-in* in the formal interviews.

---

<sup>9</sup> Trecho selecionado por Roncarati (2007).

Falar em teoria da variação implica, portanto, trabalhar com a língua em uso no discurso e desenvolver análises empíricas que procuram, através da observação, do exame e da quantificação de dados, encontrar explicações para os fenômenos variáveis. A variação lingüística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas lingüísticas alternativas denominadas *variantes*: formas semanticamente alternativas de se dizer a mesma coisa.

Na concepção de Silva-Corvalán (2001, p. 86),

[...] la sociolingüística trabaja com um constructo teórico básico, la *variable lingüística*, que se ha conceptualizado **como dos o más maneras de decir la misma cosa**. Estas dos o más maneras o realizaciones de una variable em el habla se denominan *variantes de una variable*. Por definición, “las variantes son idénticas em cuanto a su valor referencial o de verdad, pero se oponen em cuanto a su significado social y o estilístico” (Labov, 1972, p. 271).

## 4.2 SOCIOLINGÜÍSTICA INTERACIONAL

A sociolingüística interacional, grosso modo, coloca o conhecimento sócio-cultural-cognitivo que se constrói e se expressa nas interações face a face como foco central de análise. Esse conhecimento está na base das interpretações sobre a situação comunicativa dos papéis desempenhados pelos interactantes em uma conversa e de seus enunciados. A questão básica da análise é o grau de sucesso e sua relação com o conhecimento sociolingüístico. Assim, a forma como os membros de uma comunidade identificam os eventos de fala, como o input social varia no curso da interação e como o conhecimento social produz a interpretação das mensagens são focos centrais da sociolingüística interacional. O significado é, portanto, construído por um processo complexo de sinais lingüísticos e não lingüísticos ancorados no contexto ( cf. SCHIFFRIN, 1994). O estudo da relação entre língua e sociedade passa a ser visto a partir do uso da fala em contextos sociais específicos. Podem ser considerados, para estudo, tanto gêneros espontâneos como a conversa entre amigos, quanto as interações mais gerais, produzidas em contextos institucionais, como uma consulta médica, uma entrevista, um debate acadêmico, uma aula, um sermão religioso, uma negociação empresarial, dentre outros. (cf. TANNEN, 1992:9)

Podem-se ressaltar duas tendências em estudos em Sociolingüística Interacional. A primeira volta-se para o fenômeno

lingüístico como forma de compreender o que acontece nas interações sociais entre falantes de culturas e de classes sociais diferentes assim como de papéis sociais diferenciados. Trata-se da interpretação do processamento lingüístico dos falantes ao interagir uns com os outros. Nessa linha de trabalho, busca-se descrever a base lingüística da cooperação conversacional, com ênfase no conhecimento partilhado dos falantes através de estratégias de contextualização, de estilos de conversação, das possíveis mudanças de código que possam ocorrer.

A segunda tendência volta-se para a fala inserida no discurso, como forma de compreender as unidades lingüísticas encontradas. O interesse volta-se para a compreensão de como as unidades lingüísticas funcionam nas conversações. Nessa linha, encontram-se as relações discurso e gramática, o estudo dos estilos conversacionais e das narrativas, o foco no tópico e na estrutura de participação. Interessa igualmente conhecer as prioridades de língua oral e escrita, das estratégias de envolvimento e de distanciamento, das maneiras de polidez, o uso de marcadores discursivos, os processos utilizados para operar expressões referenciais, assim como as ocorrências das classes gramaticais.

A tradição de pesquisa em Sociolingüística Interacional (SI) tem sido amplamente desenvolvida, principalmente através dos estudos antropológicos e sociológicos de Gumperz(1982) e Goffman ([1964] 1998; [1967]1980;1974; [1981];1988;1996) visando dar conta dos aspectos envolvidos na interação. Ela incorpora ainda a análise de como a conversação funciona, observando o contexto conversacional e as

questões acerca da conversa entre as pessoas, o que a faz coerente, como os falantes mudam de tópicos, interrompem as falas, fazem perguntas e dão respostas. De forma geral, investiga-se como o fluxo da conversação é mantido ou interrompido.

Gumperz (1982) postula que a Sociolingüística é entendida como um campo que investiga o uso da linguagem de determinados grupos humanos, dando conta da junção entre os aspectos paralingüísticos e sociais envolvidos no processo de comunicação. Entende-se a SI (Sociolingüística Interacional) atuante em diferentes tradições de pesquisa: lingüística, antropologia, sociologia, filosofia, psicologia social e cognitiva, abordando as relações entre linguagem, sociedade, cultura e cognição. Essa disciplina mantém estreita relação com a Pragmática, a Análise da Conversação, a Teoria dos atos de fala e a Etnografia da Comunicação.

Pode-se afirmar, então, como sugere o próprio nome, que a sociolingüística interacional se apóia nas relações entre os participantes de uma dada situação além dos aspectos propriamente lingüísticos. Com a lingüística interacional, tem-se ainda a Análise do Discurso<sup>10</sup>, com o objetivo de estudar a língua e os elementos que atuam numa interação verbal, não aprofundando questões como tomada de turnos, repetições e hesitações do ponto de vista formal, mas observando elementos

---

<sup>10</sup> Assumimos aqui a responsabilidade da generalização do conceito de Análise do Discurso. Sabemos da complexidade e abrangência desta área de estudo, entretanto expô-las aqui não nos torna viável.

determinativos à forma de agir dos participantes a partir de contatos sociais específicos.

De acordo com Levinson (1983), quando falamos em perspectiva pragmática, significa que vamos levar em consideração, entre outros, a interpretação da linguagem numa perspectiva funcional, ou seja, a explicação das múltiplas facetas da estrutura lingüística relacionadas a causas e a eventos extralingüísticos. Quando se fala em um estudo que leva em consideração aspectos pragmáticos, quer-se dizer que se levam em conta também aspectos da fala, do contexto, e nunca a língua isolada de sua produção social. Esses estudos vêem os fenômenos lingüísticos como fatos compostos por elementos criativos, inovadores, que se alteram e interagem durante o processo de uso da linguagem.

Por isso, os interlocutores são considerados sujeitos da conversação, desenvolvendo o processo conversacional por meio da interação. Quando a interação verbal é realizada, um sistema de práticas, convenções, regras de comportamento é empregado (GOFFMAN, 1970, p.10).

Por ser um campo vasto, a Análise do Discurso abrange área interdisciplinar de modo a obter subsídios em outros campos da ciência, como a Filosofia e as Ciências Sociais. Pode-se dizer que a Análise do Discurso e a SI são áreas de interface. Schiffrin (1987:2) atribui a Harris o início dos trabalhos em Análise do Discurso, nos quais foram feitos estudos distribucionais de métodos de análise. Já Dell Hymes (1984),

outro estudioso da Análise do Discurso, centrou-se na etnografia da fala, Seu objetivo é o de verificar como o discurso pode influenciar as formas de agir e de ser de um povo, ao considerar sua cultura. Nos trabalhos do sociólogo americano Goffman ([1964] 1998; [1967]1980; 1974; [1981];1998;1996), destaca-se a preocupação com o lado social das interações e observam-se as situações comunicativas do ponto de vista dos interlocutores nas interações face a face.

Os estudos relativos à língua e à sociedade passam a ser vistos partindo-se do uso da fala em contextos sociais específicos. É nesse sentido que podemos entender que a interação de compra e venda ocorre através de 'jogo de palavras' que conduz o receptor a participar de um universo lúdico, antecipando a sua convivência com o prazer em relação ao objeto desejado.

Searle (1984:33) compreende que toda a comunicação lingüística envolve atos e, conseqüentemente, a produção ou emissão de uma sentença ou frase; sob condições específicas, traduz-se em um ato de fala. O falar tem como peculiaridade o fato de querer significar algo através da sentença que se emite. Da mesma forma, a seqüência de sons que se fala tem uma significação própria. Na interação de compra e venda, vendedoras e clientes buscam, através de recursos lingüísticos, produzir um ato de fala indireto de modo a negociar, a interagir, lançando mão de estratégias polidas que visam a manter a face dos interagentes.

Goffman (1967] 1980, p. 77) define face como uma imagem do *self*, descrita em termos de atributos sociais aprovados. Trata-se de uma imagem que pode ser partilhada pelos outros, em situações em que a pessoa consegue produzir uma boa performance profissional, religiosa ou de outra natureza.

Brown e Levinson (1987) retomaram a teoria da face de Goffman(1967]80), integrando-lhes as estratégias de polidez verbal. Esses dois autores, partindo da noção de auto-imagem de Goffman(1967]80), distinguiram dois aspectos que favorecem a imagem do 'eu' ("self") construída socialmente: face positiva que corresponde ao desejo de ser aprovado pelo grupo e face negativa, que diz respeito ao desejo de não imposição por parte da ação do outro, como reserva do território pessoal.

A polidez torna-se estratégia necessária no ato de compra e venda, uma vez que os participantes dessa interação dispõem de uma série de recursos lingüísticos, a fim de atenuar a força do seu discurso. O uso da polidez na interação oral é uma forma de otimizar a comunicação. A pessoa se mantém polida, também, para evitar situações que a deixem embaraçada. Pode, para isso, empregar artifícios lingüísticos e construir suas respostas baseadas em estratégias ambíguas, a fim de preservar a face alheia, ainda que não seja possível preservar seu bem estar.

A teoria de face de Goffman e a teoria de polidez de Brown & Levinson iluminaram alguns pontos de discussão acerca da *linguagem*



*indireta*. Levinson (1983, p.356-64) analisou os **pré-pedidos** (pre-requests), amplamente úteis na elaboração discursiva com uso de estratégias de polidez em encontros sociais. Esses pré-pedidos funcionam como “verificadores conversacionais”, através dos quais o falante, detentor de uma intenção sobre o ouvinte, inicia seu diálogo perquirindo acerca de um posicionamento ou opinião de seu interlocutor, a fim de decidir a continuar ou não suas propostas conversacionais. Essa estratégia é, sem dúvida, uma maneira de evitar o risco de o ouvinte anular, diretamente, a requisição do falante. Nesse momento, o falante enuncia um pré-pedido e, dependendo da resposta do ouvinte, aquele dá continuidade às suas proposições ou interrompe seu diálogo, mudando o enquadre da conversa e se re-apropriando de seu *footing* anterior.

No exemplo hipotético seguinte, utilizado no trabalho de Rodrigues Jr (2002), percebe-se claramente a estratégia indireta do falante (ela) sobre o ouvinte (ele), a fim de que aquele salvasse sua face frente à potencialidade da possível resposta indesejada, não preferida de seu interlocutor:

(8) Ela: Você está ocupado hoje à noite?

Ele: Na verdade, não.

Ela: Quer jantar comigo?

Ele: Adoraria!

Antes mesmo de fazer o convite de forma direta, a falante verifica se há algum possível impedimento, da parte do ouvinte, em aceitar seu convite ('Você está ocupado hoje à noite?'). A resposta negativa do ouvinte indica que o mesmo está livre para a formulação oficial do convite, o que é feito logo em seguida e, conforme esperado, o convite é aceito, satisfatoriamente. Tal estratégia apresenta-se, comumente, sob uma forma conversacional prototípica denominada *pares adjacentes* ou tipo de sentenças-pares que formam uma pergunta/resposta, cumprimento/cumprimento, oferta/aceite, desculpa/minimização (cf. Levinson, op.cit., p. 356)

Em vista disso, Levinson (op.cit., p.357) propõe uma estrutura conversacional, demonstrada a seguir:

Ela: Você está ocupado hoje à noite? (**pré-pedido**)

Ele: Na verdade, não. ( **siga em frente**)

Ela: Quer jantar comigo? (**pedido/pergunta**)

Ele: Adoraria! (**resposta/aceite**) <sup>11</sup>

No intuito de salvar sua face, a falante enuncia um pré-pedido, protegendo-se. Caso isso tivesse ocorrido, a falante eliminaria a necessidade de elaborar um convite o qual poderia receber uma resposta indesejável, nesse caso uma recusa. Normalmente, os pré-pedidos são estratégias de manutenção da face bem conhecidas pelos interlocutores.

---

<sup>11</sup> Cf. Exemplo encontrado em Rodrigues Jr(2002, p.39)

Assim, na maioria das vezes, quando um pré-pedido chega a ser feito pelo falante, o interagente já espera uma resposta satisfatória do ouvinte. Uma recusa, segundo Levinson (op.cit., p.357), é sempre uma resposta não-preferida. Portanto, o emprego de estratégias discursivas que evitem tais respostas guarda íntima relação com as estratégias discursivas de polidez e, conseqüentemente, com a noção de face.

A indiretividade (indirectness) é outro aspecto interacional estudado por Tannen (2000, p.32-4). Para essa autora, esse traço estilístico também se sustenta nos propósitos comunicativos dos falantes e das situações sociais em que a interação ocorre. A indiretividade pode ser tanto uma estratégia de proteção da face do falante, na qual as pessoas posicionam-se em defensiva, quanto uma estratégia de empatia, induzindo os participantes a atingir um consenso construído em conjunto e não imposto por uma única pessoa. Além disso, a indiretividade também pode ser uma forma de “*dominância dos poderosos*” (p.33), que conseguem atingir suas demandas ou exigências através de estilos lingüísticos indiretos, muito comuns entre pais e filhos, professores e alunos, entre outros contextos interacionais. Parafrazeando o exemplo de Tannen (1994, p.32), a filha pré-adolescente pede a seu pai se ela pode sair e voltar tarde da noite e o pai diz “Você é quem sabe”. Diante dessa forma discursiva *indireta*, a filha, na maioria dos casos, se intimida e acaba abandonando a idéia de sair de casa. Portanto, as questões de indiretividade não podem ser interpretadas sem levar em conta os

aspectos sociais e culturais dos interlocutores, bem como o contexto de suas interações.

Em nosso caso, encontramos na amostra dados da seguinte natureza (9) *Tem água?*, configurando uma estratégia de pedido. Por este motivo, o recurso estilístico de indiretividade estudado por Tannen foi levado em conta no exame dos dados.

#### 4.3 SOCIOLINGÜÍSTICA E ESTILO

Algumas áreas da lingüística pouco se sobressaíram nas últimas décadas, como é o caso da *Estilística* que, como disciplina mais funcional que formal, ficou à margem dos estudos lingüísticos (cf. Rajagopalan, 1995:28).

Partindo dos estudos clássicos de Saussure, Bally(1941) voltou-se para os aspectos afetivos da língua falada, da língua a serviço da vida humana, língua viva, possuidora de um sistema expressivo, cuja descrição deve ser tarefa da Estilística, partindo do seguinte princípio:

“A Estilística estuda os fatos de expressão da linguagem organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, isto é, a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidade.” (BALLY, 1941: 16).

Com o interesse de obter uma abordagem mais condizente com o nosso propósito, procuramos por uma concepção que tratasse de um estilo cotidiano, do locutor que varia a expressão daquilo que tem a dizer e que a acomoda às circunstâncias do enunciado, dando colorido às enunciações. Encontramos a maioria dos lingüistas e gramáticos tendo como ponto de referência a oposição língua-fala.

*Estilo*, em sentido geral, pode ser assim traduzido: “é uma modalidade de integração do individual num processo concreto que é trabalho e que se apresenta em todas as formas de prática” (GRANGER, 1974, p. 17). Portanto, os fatos de estilo não resultam em desvio, mas começam a produzir-se já no nível de agenciamento dos recursos dados pela própria língua através das escolhas. *Estilo* é resultado de um trabalho de escolha lexical, morfológica, sintática. A escolha de efetiva *expressividade* é uma “particularidade constitutiva do enunciado, realizada pelo contato entre significação lingüística e realidade objetiva” (Bakhtin, 1995:311). Entendemos que a característica fundamental da expressividade reside na força de persuadir, de transmitir conteúdos desejados, na capacidade apelativa, no poder de gerar elementos evocativos.

A *Estilística*, como disciplina, preocupa-se em descrever os fatos da expressão lingüística do ponto de vista expressivo. Retomando a idéia de *trabalho* que constitui o estilo, devemos ter em mente que ela produz

efeito de sentido em determinada situação de interação comunicativa. Os efeitos de sentido produzidos por uma seqüência lingüística, efetuada por meio de escolha lexical, dependem do produtor do enunciado e do receptor, reais ou pretendidos, porque são os sujeitos da interação comunicativa.

Para Bakthin (1995:122),

“a elaboração estilística da enunciação é de natureza sociológica e a própria cadeia verbal, à qual se reduz em última análise a realidade da língua, é social.”

Lefebvre pondera que as noções de estilo que encontramos em nossa literatura sobre o assunto revelam duas tendências:

“Num caso, os estilos são considerados como códigos dentre os quais os locutores de uma comunidade lingüística podem operar uma escolha apropriada à situação, tanto do ponto de vista social quanto cultural, situação definida por uma lista de fatores cujo número e configuração variam de uma comunidade a outra. No segundo caso, os diferentes estilos utilizados por uma mesma pessoa são considerados como distanciamentos em relação a seu estilo base, o vernáculo. A noção de estilo é aqui definida numa só dimensão, a do grau de atenção dispensado à linguagem. Para ter um estilo adequado a uma situação dada, o locutor deverá, nesse modelo, prestar mais atenção à linguagem do que em outra situação.”

(LEFEBVRE, 1983. p.187)

São duas, então, as noções de estilo na citação acima: na primeira, consideramos estilos como códigos, que permitem aos locutores operar

escolhas; na segunda, os estilos são distanciamentos em relação ao estilo-base, o vernáculo.

O interesse de Labov (1973) é o de estabelecer correlação entre contexto e forma lingüística. Sua preocupação é a de mostrar que a estrutura lingüística não é homogênea. Embora haja variação estilística significativa, é falsa a impressão de que não importa quem e o que possa dizer. O objetivo de Labov é precisar, ao máximo, as condições contextuais em que alguém produz linguisticamente algo e de que forma o diz.

Labov atribui aos falantes um repertório variado, atestando, assim, a inexistência de falante monoestilístico. Essa perspectiva conduz à seguinte questão: o que é um repertório variado senão as possibilidades oferecidas pela língua como recursos expressivos para o falante efetuar escolhas, que resultam em estilo?

O princípio básico da variação estilística é o de que o falante não utiliza a língua da mesma forma em todas as ocasiões, o que implica a escolha de diversas possibilidades de expressão. Labov concebe estilo como um meio controlado para se medir a dinâmica da variação lingüística, de forma a se poder saber como os falantes correlacionam as formas lingüísticas nos mais variados contextos de fala e qual a freqüência de uso. Fenômenos variáveis apresentam estratificação social e estilística. Labov acredita que entender o grau de monitoramento da fala

em conjunto com a configuração do contexto conversacional é tarefa árdua, mas não impossível de ser sistematizada.

It becomes a major problem to apportion the variance among these two effects, and to derive the higher level generalization that will predict the result” (Labov, 2001, 08)

Bortoni-Ricardo (2002:336) cita quatro fatores que estabelecem o nível de monitoramento do falante e, conseqüentemente, interfere na variação estilística envolvida no ato comunicacional:

- (a) a acomodação do falante ao seu interlocutor, fator que se refere ao tipo de relação existente entre interlocutores;
- (b) o apoio contextual na produção dos enunciados;
- (c) a complexidade cognitiva envolvida na produção temática, que se refere ao quanto o falante entende sobre o tópico discursivo;
- (d) a familiaridade do falante com a tarefa comunicativa que está sendo desenvolvida.

Além da atenção prestada à fala e da projeção que o falante faz de seu ouvinte, deve-se levar em conta também outros fatores no processo de escolha que o falante faz. Dik (1986:16) expõe:

Our ways of speaking are in many ways dependent on the social-cultural circumstances in which we speak. These dependencies can be described, on the one hand, in terms of aims that we wish to reach in communication:



whatever the ultimate communicative goal, our speaking necessarily also has a relational aspect: in speaking we aim, first, at establishing and maintaining contact with our addressee; second, we signal the type of social relationship which exists or should exist between ourselves and our addressee. On the other hand, the socio-cultural determinants of linguistic behavior can be described in terms of constraints imposed on that behavior by the socio-cultural circumstances in which it is implemented: we cannot say just anything in any type of social environment.”

Dik fala em “social-cultural circumstances”, que podemos entender como sendo a mesma aceção da variação estilística de Labov.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 5.1 JUSTIFICATIVA METODOLÓGICA

A abordagem laboviana prevê a heterogeneidade da língua em uso como pressuposto de análise. De acordo com a proposta de Labov (1972a) sobre a relação sistemática entre fenômeno observável e a estrutura lingüística abstrata, a variabilidade existente no vernáculo revela a própria variação do sistema lingüístico abstrato.

O esquema abstrato e formal da regra variável visa a sistematizar a variação e a tratar a freqüência com que as variantes são empregadas em situações concretas de comunicação, através de modelo. A tradição de pesquisas seguindo a proposta de Labov mostra, hoje, resultados que nos oferecem suporte científico para a sistematicidade das regras variáveis. Os resultados dos estudos de variação morfofonológica de orientação laboviana permitiram a extensão da mesma metodologia para o estudo de fenômenos de variação sintática e discursivo-pragmática, como é o caso da pesquisa desta dissertação.

Podemos dizer que, uma grande contribuição de Labov, consiste na elaboração de um método probabilístico de investigação sociolingüística, a fim de testar a correlação entre variantes sociolingüísticas sistemáticas e parâmetros lingüístico-sociais.

O sistema lingüístico é variável devido à sua natureza social e não se traduz por um comportamento aleatório. Tal variabilidade é captada pela interpretação da regra variável do ponto de vista probabilístico. Relaciona a variação a uma regra subjacente ao sistema lingüístico do falante, a qual permite a possibilidade entre formas lingüísticas, como “Aceita *uma* água” x “Aceita  $\emptyset$  água” que, mesmo assumindo sentidos diferenciados no uso da linguagem, mantêm o significado-base. Assim, as dimensões **social e expressiva** estão presentes na situação comunicativa, na identificação do vernáculo e na diversidade lingüística.

A nossa proposta metodológica, nesta dissertação, justifica-se em Labov (1978), em seu texto emblemático, em resposta aos questionamentos de Beatriz Lavandera, que propõe duas informações acrescidas à identidade do significado da variável lingüística: o significado social e o significado estilístico, ambos operando sobre o significado representacional. Tal proposta foi utilizada em diversos trabalhos recentes como Emilio (2003), ao tratar a variação *N dimitutivo* ~ *N grau normal*, Modesto (2006), acerca da variação *tu* ~ *você* na região conhecida como Bacia de Santos.

Dentre os vários níveis, como diz Labov (op.cit), o significado representacional constitui o significado primitivo, o significado base da variável lingüística captada no vernáculo. O significado-base garante a regra variável, que subjaz à produção lingüística do falante.

A variação social permite a auto-identificação do falante pela linguagem, e a diversidade estilística evidencia a acomodação do falante ao ouvinte, nas palavras de Labov, que associa estilística basicamente a graus de formalidade e registros. Podemos estender esta postura laboviana, entendendo que a identificação do falante e sua acomodação ao ouvinte envolve, também, a intenção do falante refletida na expressividade lingüística que se manifesta no momento da interação (cf. Labov, 1978). Assim, entendemos a noção estilística laboviana para encobrir a expressividade, da mesma maneira que atribuímos a identificação do falante não apenas ao aspecto social, mas também ao expressivo.

## 5.2 DATABASE

Grande é a preocupação em relação à questão da coleta de dados e à definição dos contextos de ocorrência. Em uma pesquisa na área da sociolingüística variacionista, deve-se ter em mente duas questões básicas durante a etapa de definição da amostra: (i) qual é a motivação social do fenômeno; (ii) qual o perfil do falante inovador e a situação de uso mais provável do processo? Em (i), depende-se da escolha da faixa-etária, do gênero, escolaridade, naturalidade, situação sócio-cultural dos falantes da amostra; em (ii), a natureza da amostra deve ser suficiente para o estudo do fenômeno escolhido para análise.

Como dito anteriormente, cercamos o fenômeno no contexto em que nos parece que ele seja mais recorrente. Acreditamos que opera notoriamente em: (a) contextos de pedido e oferta de substâncias, como, por exemplo, a interação cliente-vendedor; (b) em gêneros procedimentais, como as instruções de uma receita culinária.

Portanto, tratar o fenômeno apenas com dados interacionais foi uma decisão importante para nossa pesquisa. Mollica e Roncarati (1991:525) afirmam que:

“... o pesquisador tem diante de si algumas alternativas. A primeira delas consiste em assumir previamente as limitações operacionais da pesquisa e atingir metas menos ambiciosas, tais como: (a) aceitar resultados referentes estritamente ao universo analisado, conformando-se com um grau menos de generalização; (b) formular interpretações a nível de hipóteses. A segunda opção para o pesquisador é a de não assumir as limitações operacionais da pesquisa e tentar transpô-las usando estratégias metodológicas.”

No nosso caso específico, os dados foram coletados em situação de conversação espontânea em português brasileiro hodierno no contexto de oferta e pedido de alimentos, bebidas e outros produtos.

Durante o segundo semestre de 2006, procedemos à etapa de coleta de dados. Definimos e gravamos três ambientes interacionais no contexto cliente-atendente. O primeiro ambiente é uma gravação de 45 minutos em um café de uma livraria de um *shoppingcenter* na Zona Norte do Município

do Rio de Janeiro. O segundo ambiente constitui-se de duas gravações em uma lanchonete no prédio da Faculdade de Letras da UFRJ e em uma cantina de um Centro Espírita Kadercista, locais também situados na Zona Norte da capital fluminense, respectivamente com 25 e 32 minutos. E, por fim, o terceiro ambiente consiste na interação comissária de bordo - passageiros, no momento em que é servida a alimentação durante um voo doméstico, partindo do Rio de Janeiro com destino a Curitiba. Em ambas as situações interacionais, as gravações foram feitas com a autorização prévia dos interactantes atendentes. Os ambientes são sistematizados no quadro ilustrativo a seguir:

<b>Quadro 1: AMBIENTES INTERACIONAIS</b>	
Ambiente 1	Café de livraria – 45 minutos de gravação
Ambiente 2	Lanchonete – FL/UFRJ – 25 minutos Cantina – templo religioso – 32 minutos
Ambiente 3	Avião – serviço da comissária de bordo – 21 minutos

## 6. RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO À LUZ DAS HIPÓTESES

### 6.1 ANÁLISE QUALITATIVA: SONDANDO O TERRITÓRIO

Para efeito de análise, selecionamos um dos contextos de nosso universo total de dados. O contexto interacional escolhido foi o do Ambiente 2, na Cantina de um Templo Religioso, no subúrbio do Rio de Janeiro. A data da gravação foi em 04 de novembro de 2006 com duração total de aproximadamente 38 minutos<sup>12</sup>.

O ambiente físico é basicamente o seguinte: um estabelecimento comercial funcionando dentro de um templo religioso no subúrbio carioca. Na cantina, há diversos tipos de produtos comercializados: bebidas, sanduíches e guloseimas em geral. No momento específico da gravação, havia apenas um atendente em atividade: um rapaz, de 21 anos, com ensino médio completo, filho da proprietária da cantina. Como o estabelecimento funciona dentro de um templo religioso, ele atende majoritariamente os freqüentadores do local.

Durante os 38 minutos de gravação, foram atendidas 25 pessoas. De forma geral, os atendimentos são rápidos. Notamos também que o

---

<sup>12</sup> Agradeço à Viviane Araújo e à Ângela Ribeiro, por esta gravação.

tratamento entre os participantes é de maneira próxima, utilizando-se de registro menos formal. Entretanto, estratégias de polidez estão presentes durante a interação.

A primeira interação que observamos em nossa gravação é a seguinte:

001	C1-f <sup>13</sup>	Me vê <b>uma</b> aguinha por favor
002		Quero 0 bala também
003	X	A senhora quer sete [balas]?
004		É sete [balas] por cinqüenta centavos
005		Vou separar ali, tá bom?
006		...
007		Espera aí que estou botando no nome da senhora
008		Que nome posso botar pra senhora?
009	C1-f	é... Tem que ser um nome só, né?
010	X	Qual o nome da senhora?
011		O nome da senhora?
012	C1-f	Tem que botar o nome todo é?
013	X	Não
014		Só o primeiro
015	C1-f	Maria Coragem
016	X	Maria?
017	C1-f	É... Coragem... Maria Coragem
018	X	É com “g” ou com?
019	C1-f	É com “g”
020	X	Ta bom assim?

---

<sup>13</sup> C1, C2, C3... são os clientes; f- feminino; m-masculino.

X é o rapaz que atende na cantina.



021	C1-f	Ta ótimo
022		obrigado

Neste trecho<sup>14</sup>, na primeira linha já nos deparamos com o pedido de um nome incontável. Notamos a presença do determinante *um* e também do sufixo *-inho* junto ao N. Os participantes utilizam-se de estratégias para marcar a polidez como *por favor* e *obrigado*. Entretanto observamos o baixo grau de formalidade na escolha lexical como em *me vê* e *quer*.

Continuando em nossa análise da situação interacional em questão, temos o seguinte trecho:

053	C6-m	Quanto que tá?
054	X	Essa [ água] daqui?
055		Sessenta centavos
056	C6-m	Me vê uma água e isso daqui
057	X	Um e sessenta
058		A etiqueta acabou
059		Vou botar o nome aqui no guardanapo

Nesta situação, temos pistas contextuais com as quais o cliente aborda o atendente fazendo a pergunta pelo preço do produto e apontando para o mesmo. Para desfazer qualquer possibilidade de ambigüidade, o atendente, retoricamente, usa o mostrativo *essa* junto com

---

<sup>14</sup> Acha-se, na íntegra, ao final do texto desta dissertação, em anexo, nosso corpus com todas as gravações utilizadas em nossa análise, transcritas.

o N *água*. Para finalizar o pedido, o cliente usa o N acompanhado pelo elemento *um*.

Na interação seguinte

071	C9-m	Um salgado com ø refresco por favor
072	X	ø Salgado com ø refresco...
073	C9-m	Quanto é a cocada?
074	X	Setenta centavos
075		Quer também [ cocada]?
076		Um e oitenta com setenta
077		Dois e cinqüenta com
078		Sete e dez
079		...

No trecho a seguir, chamou nossa atenção o tratamento que o falante dá aos nomes estudados. Parece-nos uma escolha o falante imprimir natureza [+contável] ou [-contável] aos nomes.

093	X	0 Cafezinho?
094		Aqui
095	X	Boa tarde
096	C14-m	Um salgado
097	X	Um salgado e para beber?
098	C14-m	Um guaraná natural
099	X	0 Guaraná natural

100		Cinqüenta centavos
101		...
102		Um e oitenta, dois, cinco, sete, dez
103		Obrigado
104		...
105	X	Boa tarde
106	C15-f	Uma água
107	X	Uma garrafinha?
108		Um real da água
109		E cinqüenta centavos de bala
110		Obrigado
111		...
112		Oi... é 0 cafezinho que a senhora quer?
113	C16-f	Não
114		É ø [suco de] maracujá
115		É um e cinqüenta né?
116	X	Obrigado
117		...
118		oi

Os nomes *bala*, *cafezinho*, *maracujá* são aqui tratados como Ns de natureza incontável. Por outro lado, observamos a fala do vendedor que explicita **uma garrafinha**, a fim de desfazer qualquer ambigüidade.

No trecho a seguir, notamos, novamente, a escolha do falante ao tratar os nomes como incontável ou contável. Por esses dados, podemos supor que o falante escolheu a forma *bolo* como incontável e o vendedor acompanha sua escolha com o uso de “um pedaço de”.

137	C18-f	0 Bolo INCONTÁVEL
138	X	Senhora?
139	C18-f	[0] Bolo
140	X	Um pedaço de bolo?? INCONTÁVEL
141		Só [um pedaço de] bolo a senhora deseja?
142	C18-f	É... só [um pedaço de ] bolo
143	X	Um e trinta
144	C18-f	Vou te dar moedinhas
145	X	Melhor ainda (risos)
146		...

É interessante ressaltar também neste trecho que quase não há a utilização de estratégias de polidez por parte do participante cliente. Entretanto, a marcação da escolha lexical do atendente, como item verbal *desejar* e formas de tratamento mais formais, acha-se presente.

## 6.2 ANÁLISE VARIACIONISTA

Uma das questões centrais da metodologia variacionista consiste no desenvolvimento de modelos matemáticos capazes de dar conta da variabilidade observada na língua, correlacionando pesos relativos entre a variável dependente e as variáveis independentes. O objetivo é medir o efeito de variáveis independentes em relação ao fenômeno

Assim, uma variável é compreendida como dependente no sentido de que o emprego das variantes não é aleatório, mas controlados por *grupos de fatores* (ou *variáveis independentes*). As variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência.

A análise do fenômeno variável leva, pois, em conta a covariação da *fatores extralingüísticos* (externos à língua, sociais: tradicionalmente, classe social, idade, escolaridade, profissão, mídia e mercado lingüístico) e *lingüísticos* (internos à língua, fonológicos, semânticos, morfossintáticos e discursivo-pragmáticos). Considera a natureza diversificada da variação e a atuação simultânea de condicionamentos de natureza psicolingüística, fonológica, morfossintática e pragmática. O permanente dinamismo da língua oferece exemplos em todos os níveis.

Os dados levantados na presente pesquisa foram submetidos aos programas do pacote computacional VARBRUL ( do inglês *variable rules*) em sua versão para Windows, o Goldvarb 2001, como instrumental usado para quantificar os dados e calcular o peso relativo relacionado a cada variante dos grupos de fatores sob controle. Tais pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística de base laboviana, estão sendo conjugados com a abordagem da Sociolingüística Interacional.

A investigação científica, seja lingüística ou não lingüística, freqüentemente usa instrumentos da estatística para melhor conhecer, entender e medir o efeito das variáveis sobre a emergência das variantes. Ao desenvolver a pesquisa, porém, o pesquisador pode descobrir que, entre as variáveis independentes, há aquelas que são relevantes e aquelas que são irrelevantes do ponto de vista estatístico.

A metodologia da investigação é, nesse sentido, muitas vezes, experimental e cabe ao lingüista interpretar os resultados que lhe são apresentados através do uso do programa estatístico mencionado.

As suas limitações são as do próprio lingüista, a quem cabe a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar os dados empíricos corretamente, e, sobretudo, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua. O progresso da ciência lingüística não está nos números em si, mas no que a análise pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas.

(NARO, 2004)

Exemplos da variação analisada no estudo acham-se ilustrados em (12) e (13) , sendo  $\emptyset$  a notação estabelecida quando da ausência do determinante, alternando-se com a presença do artigo indefinido:

(12) Você aceita  $\emptyset$  **café**?

(13) Você aceita **um café**?

Os exemplos (12) e (13) encontram-se em contexto interacional. No entanto, a alternância  $\emptyset$  ou *um* pode ocorrer em outros tipos de discurso, como no texto em (14): :

(14) “Eu fico em casa, eu tenho que fritar **um ovo**, eu tenho que fazer **um cachorro quente**... se for  $\emptyset$  **lingüiça** você tem que escaldar a lingüiça, vai tirar **um pouquinho do sal**, faz o tempero, **um molho de tomate**,  $\emptyset$  **cebola**,  $\emptyset$  **pimentão**, depois corta **um pãozinho** no meio, bota  $\emptyset$  **lingüiça**, **um queijinho parmesão** dentro, **uma maionese**.” (Amostra CENSO)<sup>15</sup>

A variável dependente em foco acha-se exemplificada em (12) e (13). Nosso objetivo é o de demonstrar a sistematicidade existente do fenômeno, aparentemente utilizado por acaso, em contextos de interação discursiva

A construção em que  $\emptyset$  e *um* ocorre ilustra-se em estruturas do tipo:

---

<sup>15</sup> Estes dados não foram incluídos em nossa análise estatística, uma vez em que trabalhamos com estruturas contextos interacionais.

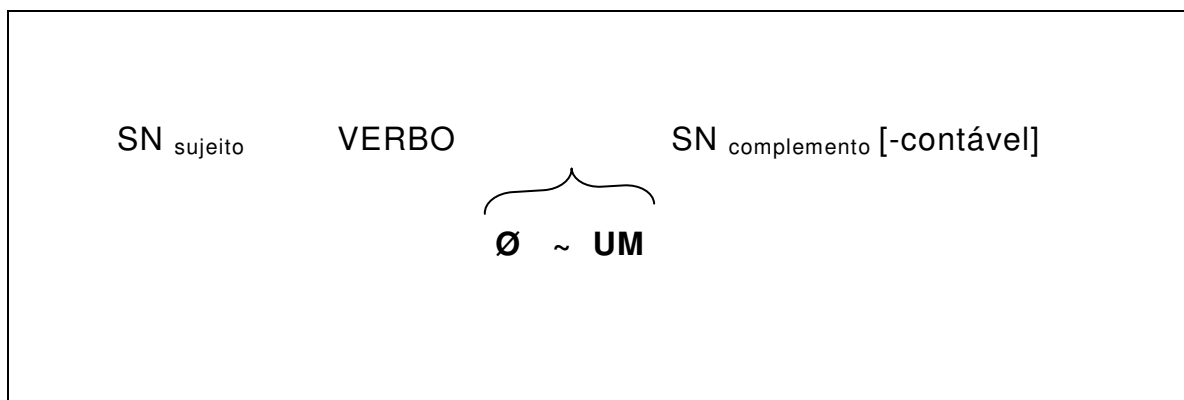


Figura 1: estrutura de análise

Analisamos construções no padrão acima em que apenas itens lexicais específicos ocupam a posição de núcleo do Sintagma Verbal. São eles os seguintes: *desejar, gostar, querer, aceitar, ter, dar, ver, custar/ ser* (em estruturas QU?). Torna-se importante assinalar que, como propomos trabalhar somente os dados em contextos interacionais, na etapa da dissertação, nosso universo estudado inclui somente situações de oferta e pedido de produtos.

Na tentativa de demonstrar que as variantes são contextualizadas por parâmetros, foram controlados os seguintes grupos de fatores, ou variáveis independentes: (a) papel interacional e (b) tempo e modo verbal.

A primeira variável independente controlada em nossa análise é o que denominamos *papel interacional* assumido pelo falante em situação real de fala. Como agentes ou interagentes de pedido e de oferta, os indivíduos da amostra processam construções variáveis com **Ø** e **um** diante de nomes não contáveis ao oferecer ou solicitar um produto. O



*gráfico 1* mostra a distribuição de ambos papéis no universo de dados examinados.

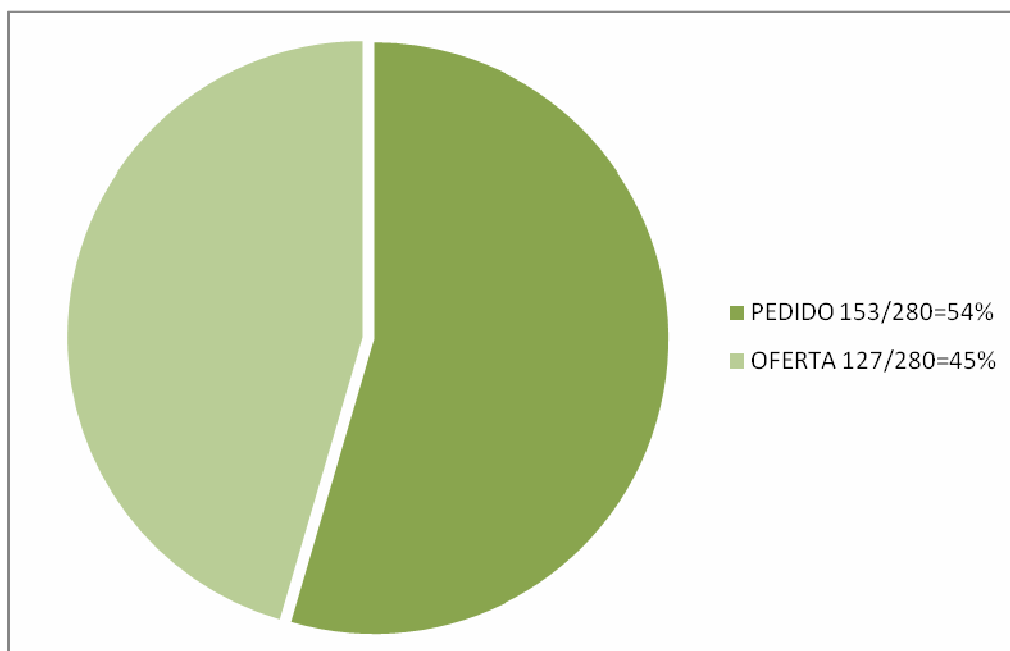


Gráfico 1: Distribuição dos papéis interacionais

Nossa hipótese baseia-se no fato de que a presença do artigo pode estar influenciada por motivações de natureza interacional. Controlamos, assim, a variável binária *estratégia interacional* cujos grupos de fatores são **pedido** e **oferta**. A seguir, apresentamos os dados (15) a (18) que exemplificam ambas estratégias:

(15) Tudo bem meu amigo? Me dá **um** cafezinho?

**Um** cafezinho e **um** bombom [ pedido – Ambiente 1 ]

- (16) Tem  $\emptyset$  guaraná diet? [ pedido – Ambiente 2 ]
- (17) Deseja alguma coisa senhor?  
**uma** água ou  $\emptyset$  café? [ oferta – Ambiente 3 ]
- (18) Aceita bebida, senhora? [ oferta – Ambiente 2]

Os dados (15) e (16), extraídos de nossa amostra, apresentam estratégia de pedido. Os dados (17) e (18) exemplificam as de oferta. Na seqüência, mostramos os resultados obtidos na tabela 1:

Tabela 1: Efeito da variável <i>estratégia Interacional</i> sobre o preenchimento do determinante diante de SN incontável		
PEDIDO	153/280=54%	<b>0.65</b>
OFERTA	127/280=45%	<b>0.53</b>

A Tabela 1 nos mostra o efeito das estratégias interacionais sobre o fenômeno variável em tela. Podemos dizer que os resultados ratificam nossa hipótese, pois há maior incidência de preenchimento de artigo nas interações cujo papel é de pedido, o **.65** de preenchimento em confronto com o.53 de não preenchimento. Segundo Brown & Levinson (1993), quanto mais custoso o pedido, mais ameaçador se torna à face, e o falante tende a utilizar estratégias mais formais. O efeito de não

preenchimento em contextos interacionais demonstra que o interactante que exerce o poder de oferecer o produto tende a ser um pouco mais livre na escolha de suas estratégias. Para realmente confirmar essa hipótese, teremos que conferir outros resultados, como pistas complementares à nossa investigação.

O segundo grupo de fatores que o GoldVarb(2001) seleciona é formalidade do tempo e do modo verbal. Estabelecemos a seguinte categorização: consideramos tempo e modo verbal [+formal] aqueles verbos usados em estilo conversacional com traço [-direto], como os verbos no modo subjuntivo e os verbos no futuro do pretérito do indicativo. Observem-se os seguintes dados:

(19) Aceitaria **o água**, senhor? [fut. Pret. – oferta – Ambiente 3 ]

(20) Por favor, há a possibilidade de que você me dê **um refrigerante**?  
[subjuntivo – pedido – Ambiente 2 ]

Já as construções consideradas menos formal tendem a apresentar os verbos no presente do indicativo ou no imperativo, sendo este último praticamente extinto da língua falada, com valor de ordem (cf. SCHERRE,1998).

(21) Me vê **uma aguinha** aí, por favor! [pedido - Ambiente 1]

(22) Quer **o suco**, senhor? [oferta - Ambiente 2]

No momento em que quantificamos a presença do artigo após SV com traços [+formal], como é o caso de verbos no modo subjuntivo ou no

pretérito imperfeito do indicativo, verificamos maior possibilidade de ocorrência do preenchimento, como no exemplo,

(23) Por favor, gostaria de **um café expresso** [Ambiente 2]

diferentemente de SVs com traços considerados [-formal], encontrados em presente do indicativo e imperativos, como podemos observar em (24):

(24) Quero **o água**. Quanto custa **uma água**, hein? [Ambiente 1]

Vejam-se os resultados na tabela 2:

Tabela 2: Efeito do grau de <i>formalidade verbal</i> sobre o preenchimento do artigo <i>um</i> diante de SNs incontáveis		
<b>+ FORMAL</b> ( FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO E SUBJUNTIVOS)	36/47= 75%	0.71
<b>- FORMAL</b> (PRESENTE DO INDICATIVO E IMPERATIVO)	89/133= 56%	0.46

A tabela 2 apresenta o efeito da formalidade verbal sobre a emergência de um diante de SNs com traço [- contável]. De modo a ratificar nossa hipótese encontramos tendência a possibilidade de preenchimento em itens de maior grau de formalidade, como vemos no

resultado **0.71**. Em contrapartida, os itens com menor grau de formalidade atingem a marca de **0.46**.

Suspeitamos, também, que, além do controle da formalidade verbal, através do modo e tempo, a análise dos itens lexicais elucidasse alguma influência na escolha de preenchimento. O gráfico 2 mostra o percentual de distribuição dos itens lexicais na função de núcleo do SV em nosso universo de dados.

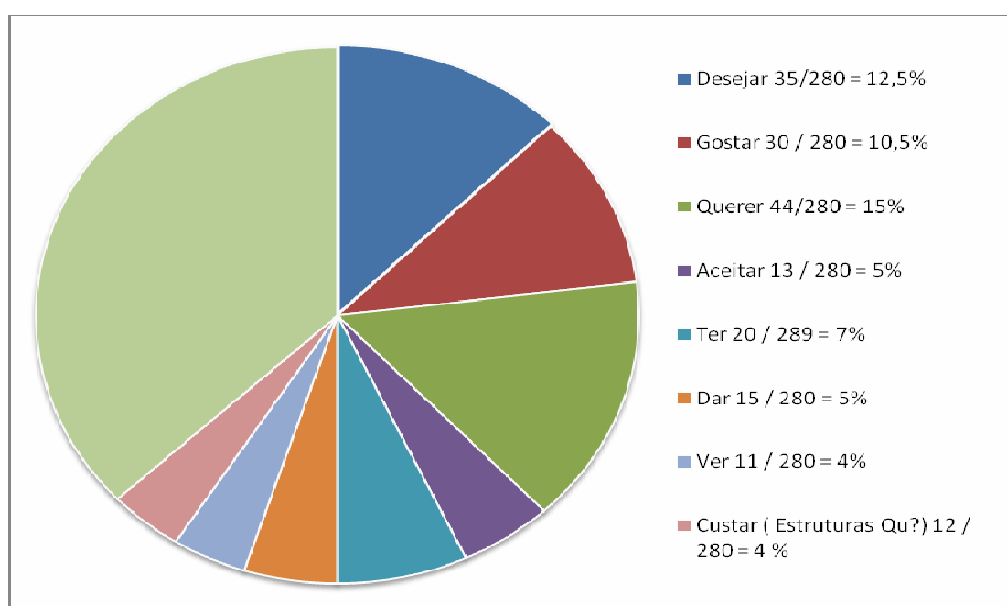


Gráfico 2 : Distribuição dos itens lexicais núcleo de SVs.

Segundo o gráfico 2, notamos uma distribuição bastante irregular do uso desses itens lexicais. Marques(1996) levanta a freqüência de uso dos

itens lexicais das gravações do projeto NURC-RJ<sup>16</sup>. Os verbos de maior frequência nos contextos interacionais selecionados para esta dissertação coincidem com os verbos de maior frequência encontrados por Marques. No topo da lista dos itens verbais mais frequentes estão querer, totalizando 15% dos dados; desejar, 12,5% e gostar, 10,5%. Em seguida vemos ter, com 7%; dar, 5% e ver e custar (em estruturas QU?), com 4% cada um. Os itens verbais encontrados em nossos dados são os seguintes:

*Desejar:*

**Deseja uma bebida**, senhor? [ oferta – Ambiente 3]

Hum, **desejaria uma água** sem gelo,por favor. [Pedido – Ambiente 2]

*Gostar:*

**Gostaria de uma bebida?** [oferta – Ambiente 3]

Eu **gostaria de uma coca light** se tiver. [pedido – Ambiente 3]

*Querer:*

**Quero o bala** também. [pedido - Ambiente 1]

**Quer um suco** também? [oferta – Ambiente 2 ]

---

<sup>16</sup>[http:// www.lettras.ufrj.br/nurc](http://www.lettras.ufrj.br/nurc)

*Ter:*

**Tem** o água? [pedido – Ambiente 1 ]

**Tem** o água com gás, senhora! [oferta – Ambiente 2 ]

*Dar:*

Me **dá** um queijo no pão integral, por favor. [pedido – Ambiente 1]

*Ver:*

Me **vê** uma aguinha por favor. [ pedido – Ambiente 1 ]

*Custar / Ser / estar ( em estruturas QU? ):*

Quanto **é** que é uma água? [ Ambiente 1]

Quanto **custa** um refrigerante? [ Ambiente 2]

*Aceitar:*

**Aceita** o bebida, senhora. [oferta – Ambiente 3]

A fim de chegar a um resultado mais esclarecedor quanto à influência dos itens lexicais na gradiência de formalidade, procedemos ao cruzamento entre a frequência de preenchimento por item lexical e o uso

de estratégias interacionais. Obtivemos os seguintes resultados expostos nas tabelas 3 e 4. Observemos os resultados:

TABELA 3: ITEM VERBAL - pedido	
Desejar	8/12 = 60%
Gostar	8/9 = 88%
Querer	28/33 = 85%
Ter	2/15 = 13%
Dar	13/15 = 88%
Ver	10/11 = 90%
Custar (Estrutura QU?)	9/12 = 75%

TABELA 4: ITEM VERBAL - oferta	
Desejar	15/23 = 67%
Gostar	20/21 = 94%
Aceitar	9/13 = 70%
Querer	8/11 = 73%
Ter	1/5 = 20%

A desequilibrada distribuição dos dados nas referidas tabelas dificulta conclusões definitivas, mas nos fornecem algumas indicações interessantes. A formalidade do item verbal, por si só, não é fator determinante para o preenchimento de *um* diante de SNs incontáveis, pois



itens verbais como *aceitar* e *querer* apresentam freqüências de preenchimento muito próximas. De um lado temos um item verbal considerado formal e de outro um bem informal.

Analisando esses resultados sob o ponto de vista da indiretividade (cf. TANNEN, 2000), chegamos a indicações instigantes quando contrapomos as construções com *ter* e os demais verbos. Dados como ***Tem o água?*** configurando estratégia de pedido podem ser considerados **indiretos** enquanto ***Quero o água***, no mesmo papel interacional, é considerado o oposto. Os enunciados com *querer*, *aceitar*, *desejar*, entre outros, analisados como de estilo conversacional mais **direto**, possuem uma freqüência de preenchimento acima de 60%, enquanto os com o item verbal *ter*, considerados como de estilo conversacional mais **indireto**, possuem freqüência de preenchimento abaixo dos 20%. Observamos essa possível regularidade nos dados por parte do interagente exercendo papel de pedido e oferta.

Para atestar a hipótese da escala de formalidade, procedemos ao cruzamento dos dados entre os fatores *formalidade verbal* e *papel interacional*. Observemos a tabela 5:

TABELA 5: Efeito do cruzamento entre <i>Formalidade Verbal</i> e <i>Papel Interacional</i> sobre o preenchimento de um diante de SNs incontáveis		
	Pedido	Oferta
+ formal	20/28 = 71%	16/19 = 84%
- formal	58/79 = 75%	31/54 = 58%

Os resultados deste cruzamento demonstram que o contexto mais propício para o preenchimento do artigo indefinido diante de nomes incontáveis incide preferencialmente nos contextos de pedido e com verbos cujo tempo se acham no grupo dos mais formais. Notamos também que, em estratégias de pedido, não há diferença significativa quanto à formalidade, medida por meio de seu tempo e modo, pois temos 71% de preenchimento para o grupo dos verbos considerados mais formais e 75% de preenchimento para os considerados menos formais.

A indiretividade parece preponderar, confirmando que estratégias de polidez mais custosas, como é o caso de oferta, ainda que em contextos de menos formalidade, requerem o cuidado do falante ao processar os enunciados. A ausência de artigo torna-se importante para marcar maior polidez e conseqüente indiretividade.

Cabe aqui um questionamento metodológico a respeito do conceito de variável para a Teoria da Variação. Fiquemos com o conceito de variação segundo William Labov:

Social and stylistic variation presuppose the option of saying 'the same thing' in several different ways: that is, the variants are identical in referential or truth value, but opposed in their social and/or stylistic significance.

(LABOV, 1972, 271).

Há alguns pontos que precisam ser destacados nessa definição de Labov, a começar pela idéia de “falar a mesma coisa”. Beatriz Lavandera (1978) questiona a validade de analisar fenômenos que ultrapassam o âmbito fonológico à luz da Sociolingüística. Lavandera (1978, p. 73) diz: “I think we are losing in extending so comprehensively the concept of variable to ‘whenever the speaker has an option’”. Para a autora, é bastante compreensível considerar que duas variantes fonológicas possuam o mesmo valor de verdade, mas, ao passar para níveis superiores, como o morfológico, o lexical e o sintático, torna-se difícil afirmar que as formas variantes constituem “diferentes formas de dizer a *mesma coisa*”, uma vez que um morfema, um item lexical e mesmo uma construção sintática têm já em si um sentido próprio. A discussão da relação forma/ função continua na ordem do dia e este trabalho mostra-se rico para que o embate permaneça.

Encontramos posições controversas sobre o tema entre os lingüistas que se dizem variacionistas. Para um fenômeno de natureza sintática que, em sua maioria, opõe duas construções que não “dizem a mesma coisa” (cf. WEINER & LABOV, ) é claro que algumas concessões têm de ser feitas e uma das principais é o alargamento da noção de “sentido referencial”. Ao invés de aceitar como variáveis apenas variantes que “digam a mesma coisa” passa-se a admitir a *compatibilidade funcional* (cf. MOTHÉ, 2007, p. 38) entre as formas alternantes. Este é o tratamento dado à nossa variável dependente: são equivalentes, intercambiáveis funcionalmente.

Outro fator que nos chamou atenção em nossos dados mas que não controlamos na análise nesta etapa de dissertação é o caráter funcional dessas construções com  $\emptyset$  e um diante de SNs incontáveis, possivelmente ancorado a um processo de gramaticalização. Por esse motivo, desde já nos comprometemos a analisar os dados sob perspectiva funcionalista.

Suspeitamos que haja o que os funcionalistas chamam de transferência metonímico-metafórica (cf. Hopper & Traugott, 1993) em dados como:

(25) Quero **uma** água, por favor.

(26) Me dá **um** cafezinho e **um** chá agora.

Antilla (1989, apud Votre 1994, p. 35) considera a metonímia como

uma transferência semântica, através da contigüidade indicial. Assim a metonímia aponta para as relações que se verificam entre os índices num contexto, em que um item indica outro, ausente ou implícito, com o qual normalmente co-ocorre. Metonímia resulta em reanálise, conforme pode ser visto no exemplo 4 [*Atenda a mesa três*] em que a mesa três é tomada como índice para “os interesses e necessidades das pessoas que estão sentadas ao seu redor”.

Dessa forma, nossos exemplos (25) e (26), na verdade, cognitivamente, são interpretados da seguinte forma

(25a) Quero **uma** [garrafa/ copo/ litro/ quantidade de] *água*, por favor.

(26a ) Me dá **um** [xícara/ caneca/ copo/ quantidade qualquer de] *cafezinho* e **um** [xícara/ caneca/ copo/ quantidade qualquer de] *chá* agora.

Leia-se o pensamento de Hopper & Traugott (1993), em termos de Votse (1994, p. 35),

Os processos de formação metonímica são menos conhecidos, e menos explorados na literatura lingüística. Em certos casos são mais poderosos do que os processos metafóricos. Uma vez que os processos de gramaticalização se dão sempre num contexto situacional, de uso, isto é, numa forma, num contexto interacional específico, entende-se que os processos metonímicos tenham tanta importância.

Encontramos referência a isso em Martelotta (2008, p. 188) quando diz que a construção de sentido implica o estabelecimento de conexões entre domínios cognitivos. O autor sistematiza três tipos de conexões que as chamam de *projeções*. As que nos interessam nesse ponto são as *Projeções de funções pragmáticas*.

[as projeções de funções pragmáticas] projetam um domínio em outro a ele relevante em consequência de uma relação estabelecida localmente por uma função de caráter pragmático. Esse tipo de projeção é característico das metonímias e desempenha um papel importante na organização do nosso conhecimento, provendo meios de identificar elementos de um domínio através de sua contraparte em outro domínio.

(MARTELOTTA, 2008, p. 188-89)

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS E DESDOBRAMENTOS DESTE TRABALHO

Esta pesquisa seguiu os rumos analíticos propostos pela Sociolingüística Variacionista em diálogo com os postulados da Sociolingüística Interacional. A abordagem aqui privilegiada foi a seguinte: *interação* como ambiente em que o discurso é co-construído pelos falantes.

O evento discursivo aqui analisado é inerentemente uma atividade interativa, na qual tudo o que é dito e feito pelos participantes, num dado momento, reflete ações e falas enunciadas, momentos antes, por esses mesmos participantes, servindo igualmente de base para futuras interações (SCHIFFRIN, 1994). Ao enunciar palavras, o indivíduo não apenas informa suas intenções, mas, sobretudo, *age e desempenha* papéis que visam atingir seu ouvinte. Intenções argumentativas são negociadas, sustentadas, compartilhadas e analisadas por todos os envolvidos na interação.

Em vista disso, o dinamismo do discurso co-construído numa dada interação não é apenas fruto de mero aglomerado de sentenças interligadas sintaticamente, com fins semânticos estáticos. O discurso, em situações interacionais, retrata relações sociais, culturais, históricas e, até mesmo, políticas dos indivíduos entre si, de como eles negociam a expressão do 'eu' de cada um, a fim de se envolverem na conversação

para que esta seja, em verdade, uma atividade social. Desse modo, é imperioso que os falantes identifiquem, no contexto em que atuam, as pistas lingüísticas ideais para conduzirem suas falas, reconhecendo, pois, os aspectos pragmáticos do discurso.

Esta pesquisa tentou se pautar nos aspectos discursivos aqui apontados. O “corte” que fizemos nessa dissertação, considerando apenas os dados interacionais, está longe de representar todos os aspectos que envolvem o emprego de **Ø** e **um** diante de entidades nominais com traço [-contável].

A ampliação desse estudo tem necessariamente que levar em conta a presença e a ausência de artigos definidos e indefinidos qualquer que seja o contexto de uso. Assim, pretendemos dar continuidade a esse trabalho, na etapa de doutoramento, procurando analisar todo o universo de empregos tais como nos exemplos.

- (a) Quero tomar **aquele** banho
- (b) Preciso tomar **Ø** banho
- (c) Preciso tomar **um** banho

O princípio da contabilidade em PB, aparentemente simples, não se prende tão somente ao traços [ +/- contável] dos sintagmas nominais. Para alguns autores, inexistente a **incontabilidade** em PB em casos como



“Quero *uma* água”, dado que se postula a presença de uma dimensão cognitiva. Uma hipótese forte é a de que há um processo metonímico (cf. Hopper & Traugott, 1993) que, através do qual, o significado torna-se contável. Pesquisadores que defendem essa tese entendem que o conteúdo é interpretado pelo continente, de modo que as unidades de traço [-contável] passam a ser contabilizadas, seja como lata, garrafa, xícara, copo, por exemplo.

Através da análise quantitativa em que postulamos um gradiente de formalidade, chegamos a indicações interessantes de que, quanto mais formal, mais distanciamento entre os participantes, sendo mais provável o preenchimento do determinante do SN com artigo indefinido.

Observa-se, nas construções analisadas nesta dissertação, que a discussão acerca dos princípios de definitude e da contabilidade nos nomes em PB, só pode ser aprofundada se todos os outros dados deixados de lado na análise de natureza diversificada, forem considerados.

Frisamos aqui o interesse e a possibilidade de prosseguimento desta pesquisa ao vislumbrar algumas trilhas a seguir no processo de desdobramento deste trabalho. Assim que aumentar a quantidade e qualidade dos dados, devemos focar a atenção no princípio da definitude.

Esse princípio postula que um nome considerado definido ou não definido não se prende à função do artigo que o acompanha. Por tradição, o artigo definido funcionaria como marca para indicar “definitude”. A

definitude não se restringe ao emprego do artigo definido assim como a indefinitude não se restringe ao emprego do artigo indefinido. O que configura a definitude do sintagma parece ser a confluência dos traços de genericidade e especificidade. Se “o animal é um ser mortal”, em que o substantivo antecedido pelo artigo não representa um ser específico, definido, a entidade *animal* refere-se a uma classe, tornando-se genérico de acordo com autores como Alencar( 2006) e Oliveira e Silva (1986). O traço de definitude parece ser tanto a classe quanto o gênero. Questões como essas ficam em aberto nesta pesquisa para futuras investigações.

Desde já, lançamos o questionamento de que o uso do artigo indefinido *um* diante de nomes incontáveis, em contraposição à ausência, pode relacionar-se com o conjunto de traços [ $\pm$  genérico], [ $\pm$  específico], [ $\pm$  identificável]. Segundo Lambrecht (1994), a categoria gramatical de definitude corresponde a um traço formal associado a expressões nominais que sinalizam se o referente da sentença é ou não identificável. Callou et al (2000:82) assinalam que “na melhor das hipóteses, as categorias cognitivas de identificabilidade e a gramatical de definitude são imperfeitas e imprecisas”.

Uma distinção semântica importante, relacionada ao caráter identificável e que não tem a ver com o contraste gramatical [ $\pm$ definido], refere-se a entidades nominais [ + específico ] e [ - específico ], com características indefinidas. Por exemplo, em frases do tipo “Quero beber

**um** refrigerante”<sup>17</sup>, o SN “um refrigerante”, considerado indefinido, pode ter um referente específico, a depender do grau de recuperabilidade através de anáfora, ou pode ter um referente não específico, já que o produto pode ser *qualquer* refrigerante.

Uma forma de descrever a distinção específico/ não específico em termos pragmáticos é dizer que um SN indefinido e específico é aquele cujo referente pode ser identificável para o falante mas não para o ouvinte, enquanto um SN indefinido não específico é aquele cujo referente nem o ouvinte nem o falante são capazes de identificar em nenhum momento do discurso.

(CALLOU et al, 2000, p. 85)

Observamos que, com a introdução do artigo (ou outro determinante), as orações passam gradativamente de genérico a específico. Como nossa hipótese compreende a categoria de definitude tanto na entidade nominal quanto na relação sintagmática sentencial, propomos o estabelecimento de três linhas imaginárias sob a forma de *continuum* para melhor compreender a confluência desses fatores motivadores à emergência das variantes em estudo.

As duas primeiras linhas do *continuum* correspondem ao gradiente entre específico e genérico. No exemplo, “Quero beber **um** refrigerante”, estaria situado nos pólos [+ genérico] e [- específico]. Quanto ao grau identificabilidade, o SN “um refrigerante” pode ser mais identificável para o

---

<sup>17</sup> Ao exemplificar nossa suspeita nesta seção utilizamos dados de nosso corpus usado na análise mostrada nesta dissertação. Entretanto, sabemos que para dar conta deste desafio proposto como desdobramentos desta pesquisa não podemos nos restringir a este tipo de dados.

falante e menos identificável para o ouvinte, ou vice-versa; Se o SN for mais identificável para ambos, temos a variante  $\emptyset$  e o SN recebe o traço [+ específico].

Já no exemplo *O brasileiro precisa ler ao menos um livro por ano*, há uma ambigüidade quanto à identificabilidade. O SN “um livro” pode ser tanto [+identificável] para o falante, uma vez que pode ser substituído por *qualquer*.

Com o intuito de ilustrar graficamente a nossa idéia da confluência de traços, elaboramos a figura a seguir<sup>18</sup>:

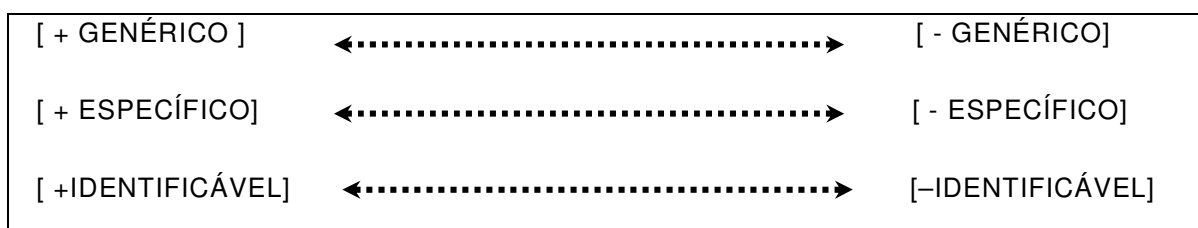


Figura: representação gráfica do modelo contínuo proposto

Podemos então supor, com base na descrição desses exemplos, que existem usos genérico e específico do artigo sendo necessário estabelecer o conjunto de restrições discursivas que expliquem sua alternância  $\emptyset \sim \text{um}$ . Portanto, teremos também que abranger os artigos definidos na análise.

<sup>18</sup> Modelo de gráfico baseado em Bortoni-Ricardo (2004:64)

Dessa forma, a pesquisa que desenvolvemos deixa muitas perguntas, como: (1) o tratamento adotado na análise é o mais adequado? (2) os princípios aqui aludidos estão satisfatoriamente sustentados pelos estudiosos? (3) Como trabalhar  $\emptyset \sim \mathbf{um} \sim \mathbf{o}$ , considerando  $\emptyset$  a ausência de artigo, **um** presença de artigo indefinido e **o** presença de artigo definido. (4) nos contextos não interacionais, o fenômeno se apresenta de forma diferente?

Tais questões merecem especial atenção nas subáreas da semântica/ pragmática e na lingüística cognitiva. Deixamos claro, nesta dissertação, que a prescrição gramatical limita o entendimento sobre aspectos da linguagem analisados. . O propósito desse trabalho foi tanto demonstrar quanto apontar a possibilidade de nova perspectiva para a compreensão fenômeno estilístico, através da metodologia variacionista, nesta fase, no entanto estamos certos de que a complexidade da língua em uso impõe múltiplos pontos de vista sobre o objeto de estudo escolhido para exame nesta pesquisa.

## 8 REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Patrícia Vargas. **Direcionalidade da aquisição do artigo definido frente a N próprio em contexto de input variável**. Rio de Janeiro, 2006. 166 fls., Tese de Doutorado em Lingüística, UFRJ, Faculdade de Letras.
- ALKMIN, Tânia. Sociolingüística. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 7a ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BALLY, C. **El language y la vida**. Buenos Aires, Lousada, 1941.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.
- BLÜHDORN, Hardarik et al. **Sintagmas nominais contáveis e não-contáveis em alemão e no português brasileiro**. In: MASA, Noruma (org.). Estudos contrastivos alemão e português do Brasil. São Paulo. São Paulo, 2007. No prelo.
- BLÜHDORN, Blühdorn & FAVARETTO, Bruno. Contabilidade de substantivos no português do Brasil. **Estudos Lingüísticos (GEL)**, vol. 29, pp. 369-374, 2000.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação e língua materna I. In: SOARES, L.S. et al. **Eixo integrador: realidade brasileira. Área/dimensão formadora: organização do trabalho pedagógico**. Brasília: Faculdade de Educação, UnB, 2002. p. 21-59.
- \_\_\_\_\_. **Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula**. Parábola Editorial, 2004.
- BROWN, P & LEVINSON, S. **Politeness: Some universals in language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CALLOU, D. **A variação no português do Brasil**. Conferência realizada como prova do Concurso de professor Titular. UFRJ, 1992.
- CALLOU, D. & SILVA, G.M. de O. O uso do artigo Definido em Contextos Específicos. In: HORA, Dermeval da. **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997.
- CALLOU, Dinah; PORTELA, Kate; AVELAR, Juanito; SERRA, Carolina. Dinâmica do específico e do genérico: artigo definido e construções existenciais. In: **VEREDAS**, 4,2 jul/dez, 2000.

CAMACHO, Roberto Gomes; PEZATTI, Erotilde. As subcategorias nominais contável e não-contável. In: KATO, M.A.(org.) **Gramática do português falado**, v.5, Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. P. 155-183.

CAMACHO, R. G. O papel da estrutura argumental na variação de perspectiva. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado. v. VI: desenvolvimentos**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP: FAPESP, 1996.

CAVALCANTE, M. M. Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos. Trabalho apresentado por ocasião do II Congresso Internacional da ABRALIN - Fortaleza, 2001.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português contemporâneo**. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CHAFE, W. **Discourse, consciousness and time: the flow of displacement of conscious experience in speaking and writing**. Chicago: University of Chicago Press, 1994

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory – linguistic variation and its social significance**. Oxford UK/Cambridge USA: Blackwell, 1996.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e Fonética**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

CUNHA, M.A.F da; OLIVEIRA, M.R; MARTELOTTA, M. (orgs.). **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DIK, Simon. **The theory of functional Grammar**. Dordrecht-Holland/Providence RI- USA, Foris Publications, 1986.

DU BOIS, J.W. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (ed.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins

EMILIO, A. Diminutivo X Grau Normal. **Revista da ABRALIN**, vol. II, no 1, p. 9-49, julho de 2003

GILLON, Brendan. Towards a common semantics for English count and mass nouns. **Linguistics and Philosophy**, vol. 15, pp. 597-639, 1992.

GOFFMAN, E. (1964]1998). A situação Negligenciada. In: B. T. Ribeiro & P. M. Garcez (orgs.) **Sociolingüística Interacional**, pp: 11-15. Porto Alegre: Age Editora [The Neglected Situation. **American Anthropologist**, 66 (6), part 2:133-6]

\_\_\_\_\_. **Interaction Ritual essays on Face to Face Behavior.** New York, Pantheon, 1967.

\_\_\_\_\_ ([1967]1980) A Elaboração da Face: Uma Análise dos Elementos Rituais na Interação Social. In: S. FIGUEIRA (org.). **Psicanálise e Ciências Sociais. Rio de Janeiro**, Francisco Alves [On Face Work. In: \_\_\_\_\_ *Interaction Ritual*. New York: Pantheon Books].

\_\_\_\_\_. **Frame Analysis.** New York, Harper and Row, 1974.

\_\_\_\_\_ 'Footing'. In: **Forms of Talk**, pp: 124-59, Philadelphia, Univ. of Pennsylvania, 1981.

\_\_\_\_\_ (1981]1998). Footing. In: B. T. Ribeiro & P. M. Garcez (orgs). **Sociolinguística Interacional**, pp: 70-97. Porto Alegre: Age Editora [*Forms of talk*.. Philadelphia: University of Pennsylvania Press].

\_\_\_\_\_ 'A Elaboração da Face. GOFFMAN, E. 'Footing'. In: **Forms of Talk**. Philadelphia, Univ. of Pennsylvania, 1981.

GRANGER, G.G. **Filosofia e estilo.** São Paulo, Perspectiva, 1974

GUMPERZ, John. Dialect and conversational inference in urban communication. In: **Language in Society**, 7 (393-409), 1978.

GUMPERZ, J.J. **Discourse strategies.** Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HOPPER, Paul & TRAUGOTT, Elisabeth. **Grammaticalization.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HYMES, Dell. "The Scope of Sociolinguistics". In: COUPLAND, Nikolas; JAWORSKI, Adam (eds.). **Sociolinguistics: a reader and coursebook.** New York: St. Martin's Press, 1997.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_ **Where Does the Linguistic Variable Stop? A Response to Beatriz Lavandera.** Working paper in sociolinguistics. Austin - Texas, Southwest Educational development Laboratory, 1978

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change, v. 1: internal factors.** Cambridge: Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. The anatomy of style shifting. In: ECKERT, Penelope. 2001; RICKFORD, John (orgs). **Style and sociolinguistic variation.** Cambridge. CUP: 2001. 85-108p.



LAMBRECH, K. **Information structure and sentence form. Topic, focus and the mental representation of discourse referents.** Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LAVANDERA, Beatriz. Where does the sociolinguistic variable stop? In: **Language in Society**,7 (171-82), 1978.

\_\_\_\_\_. **Variacion y significado.** Bs. As: Hachette, 1984

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metáforas da Vida Cotidiana.** [coordenação da tradução Maria Sophia Zanotto] – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

LEFEBVRE, H. **La presença y la ausência.** Fundo de Cultura: México, 1983

LEVINSON, S. **Pragmatics.** Cambridge. CUP, 1983.

LIMA-SILVA, Lidia . "Um, numeral ou artigo? Estudo em Semântica Formal. In: 52 Seminário do GEL - Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, 2004, Campinas. Caderno de Resumos, 2004.

LYONS, Christopher. **Definiteness.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

KATO, M. **A representação Semântica do Artigo definido.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 1974

MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de Lingüística.** São Paulo, Contexto, 2008.

MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da Língua Portuguesa.** 5a. ed., revista e aumentada. Editorial Caminho, Lisboa, 2003

MEIER, H. **Ensaio de Filologia Românica.** Rio de Janeiro: Griffo, 1948.

MODESTO, Artaxerxes. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos.** Dissertação de Mestrado. USP, São Paulo, SP, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília & ALÍPIO, Rodrigo. Em busca de inovações lingüísticas. In: **Línguas e Instrumentos Lingüísticos.** Universidade Estadual de Campinas: Pontes Editores, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolingüística variacionista.** São Paulo: Contexto, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília & RONCARATI, Cláudia. Enfoques sobre amostragem em sociolingüística. In: **D.E.L.T.A.**, vol.7, n.º2, 1991.

MOTHÉ, Nubia. **Variação e Mudança Além e quem Mar: gerúndio versus infinitivo gerundivo no português dos séculos XIX e XX.** Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

MÜLLER, Ana. Genericity and the Denotation of Common Nouns in Brazilian Portuguese. **D.E.L.T.A.**, vol. 18, n° 2, pp. 287-308, 2002.

NARO, Anthony J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília (org) **Introdução à sociolingüística variacionista.** Cadernos Didáticos da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA E SILVA. Giselle Machline. Um caso de definitude. In: **Relatório Final Projeto Mecanismos Funcionais do Uso Lingüístico**, volume II. Faculdade de Letras, Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1989.

\_\_\_\_\_. Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímicos. In: Silva, Giselle Machline Oliveira e & Scherre, Maria Marta Pereira (orgs.). **Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.

PONTES, Eunice. Os determinantes em português. In: **Lingüística e ensino do vernáculo.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.

PRINCE, Ellen F. Toward a taxonomy of given-new information. In.: COLE, P. (Ed.). **Radical pragmatics.** New York: Academic Press, 1981.

QUIRK, Randolph et al. *A Comprehensive Grammar of the English Language.* London: Longman, 1985.

RAJAGAPOLAN, K. (1995) *Formalismo e Funcionalismo - Sobre as premissas ocultas dessa polêmica.* I Anais CELSUL (15-33).ROCHA LIMA, 1973

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa.** 42ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

RONCARATI. Cláudia. **Metodologia Sociolingüística.** Workshop em V Congresso Internacional da Abralín. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Pressupostos Teóricos e Suporte Quantitativo. In: SILVA, Giselle Machline Oliveira & SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). **Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

- SEARLE, J. **Mente, cérebro e ciência**. Lisboa, Edições 70, 1984
- SCHIFFRIN D. **Approaches to Discourse**. Oxford & Cambridge: Blackwell, 1994
- SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística – teoria y análisis**. Madrid: Editorial Alhambra, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Sociolingüística y pragmática del español**. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2001.
- SIMÕES, Luciene. **Aquisição da distinção semântica entre nominais contáveis e não-contáveis em língua portuguesa**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1992.
- TANNEN, Deborah. **Conversational Style: analyzing talk among friends**. Norwood, New Jersey, Ablex Publishing Corporation, 1984.
- TANNEN, D. & WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (org.). **Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998.
- TEYSSIER; Paul. **História da Língua Portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa, 1980
- TRAUGOTT, Elizabeth & HEINE, Paul. **Grammaticalization**. Cambridge / New York: Cambridge University Press, 1993.
- VILLAÇA, A.L. **Contra – Expectativas em Discurso de Venda**. Tese de Doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.
- VOTRE, Sebastião. Base Cognitiva da Interação. In. Revista Tempo Brasileiro, nº104, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1994.
- WEINER, E. J. & LABOV, William. Constraints on the agentless passive. **Journal of Linguistics**, 19 (29-58), 1983.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN, W.; MALKIEL, Y. (Org.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução Marcos Bagno e revisão Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

## **ANEXOS**

## 1. Contexto interacional n.º 1

### Café Literário

Data: 02/12/06

Tempo aproximado de gravação: 45 minutos

Participantes: Uma atendente = X

Clientes = C1 a C30

Feminino = f masculino = m

001	X	Boa tarde!
002		Pode fazer seu pedido.
003	C1m	Quero um cappuccino, por favor....
004	X	Mais algum coisa ... Obrigada.
005	C2f	Uma água por favor....
006	X	Boa tarde, senhora!
007		Deseja uma água ...
008		um mate ou café?
009	C3f	Por favor um mate com limão light...
010		e dois pãozinho de queijo...
011		quero mais gelado, você não tem não
012		obrigada
013		obrigada
014	X	Pois não senhora....
015		... (inaudível)
016	C3f	Obrigada.

- 017 X Deseja algo para beber?
- 018 C4m Quero um guaraná com gelo.
- 019 X Sim senhor
- 020 ...
- 021 C4m Obrigado.
- 022 Como estão essas tortas, hein.
- 023 Essa alemã parece fresquinha...
- 024 X Sim, senhor, estão todas fresquinhas
- 025 pode escolher...
- 026 X Deseja café, água, um refrigerante pra acompanhar?
- 027 C4m Obrigado mas...
- 028 só isso, só só uma água sem gás...
- 029 C5m Moça!!! (alguém chama)
- 030 X Sim senhor...
- 031 Em que posso ajudar? ....
- 032 C5m Eu queria comer
- 033 Um sanduíche... batatinha tem?
- 034 X Sim senhor... só escolher senhor
- 035 Estão todos aqui...
- 036 C5m Obrigado minha filha, esses e uma coca, sim.
- 037 .... ..
- 038 [ É sempre assim o movimento aqui no café... fraco hoje...]
- 039 X Nem sempre.... as vezes tem muito movimento a maioria das pessoa vem...

- 040                    fica aí sentado conversando... outras ficam lendo
- 041                    ...
- 042        X            Pode pedir, senhora?
- 043        C6f            Não obrigada.
- 044        X            Boa tarde!
- 045        C7m            um café expresso, por favor....
- 046                    você que o quê?
- 047        C8f            pão de queijo... porção.... um cappuccino
- 048        X            Só um minutinho
- 049        C7m            Me dá açúcar por favor
- 050        X            Sim senhor
- 051        C8m            Obrigada...
- 052                    Boa tarde!
- 053        X            pede aqui e depois paga lá, ta bom?!
- 054                    Você quer uma água ou um café?
- 055        C9m            Tem mate com limão?
- 056        X            Sim senhor
- 057        C10m           Então eu quero...
- 058                    Um mate com limão
- 059                    ...
- 060        C10m           Obrigado.
- 061                    ...
- 062        X            Boa tarde! Posso ajudar...
- 063                    comer alguma coisa? Bebida?
- 064        C11f            uma água com gás... obrigada!

065	X	Os senhores desejam...
066		Um café uma água ...
067		uma torta?
068	C12m	Não obrigado.
069	C13m	Eu quero um expresso...
070		me vê açúcar também...
071	C12m	Eu queria algo mais forte...
072	X	Pois não, senhor.
073	C13m	Você não vai beber agora.
074	C12m	Por que não?
075	C13m	Estamos trabalhando...
076		Esqueceu?
077	C12m	Tá bom!
078		Então eu fico...
079		Com um cafezinho
080	X	Sim senhor.
081		...
082	C12m	Obrigado
083	C13m	Obrigado...
084	X	Olá, posso ajudar...
085	X	Gostaria de uma bebida...
086		Um café ou um suco?
087	C14f	Não não...
088		Obrigada
089	X	Um café, um mate



- 090                    Ou um água?
- 091    C15m   Não senhora, obrigado.
- 092     X        Deseja algo para beber senhor...
- 093                    ou comer?
- 094    C16m   Não, obrigado.
- 095    C17f    Ei... me vê uma coca com gelo...
- 096                    e um pedaço da torta de brigadeiro
- 097    C18f    e eu a mesma torta...
- 098                    um mate diet... normal
- 099                    ....
- 100     X        ok... um minutinho
- 101                    ...
- 102     X        Pronto
- 103    C18f    Obrigada.
- 104     X        Deseja uma bebida?
- 105                    Um café ou um refrigerante?
- 106                    Nossos salgados estão deliciosos
- 107    C19f    Obrigada.
- 108     X        Deseja café água ou mate...
- 109                    Senhor?
- 110    C20m   Não... quero apenas...
- 111                    uma fatia de torta...
- 112                    aquela com os morangos.
- 113     X        Pois não senhor
- 114    C20m   Obrigado.

- 115 .....  
116 X Boa tarde.  
117 X pode pedir, senhora.  
118 C23f hum.. um sanduíche... esse com frango...  
119 X Gostaria de bebida?  
120 C23m Sim, me dá um suco daquele de lata.  
121 X Qual senhora?  
122 C23m Pode ser um de goiaba.  
123 ....  
124 C24m Hum.... oi....  
125 quanto é essa torta hein.  
126 X quatro e cinqüenta, querido.  
127 C24m Quero água com gás, tem?  
128 X Sim senhor.  
129 C24m Então me vê uma torta torta dessa e a água...  
130 ...  
131 Aqui... aqui moça  
132 X Sim senhora  
133 ...  
134 X Pronto.  
135 C25f aqui... me dá um desse com cerejinha  
136 Um guaraná tbém  
137 X Sim senhora...  
138 Aqui....pronto.  
139 C25f obrigada... pago?

- 140 X Sim... pode ser no final no caixa...
- 141 C27f Obrigada.
- 142 X Pois não... mais alguma coisa
- 143 um refrigerante?
- 144 C?m uma coca com um limãozinho
- 145 X Deseja um café, uma água, senhora
- 146 C?f Não... obrigada
- 147 ... ..
- 148 X Boa tarde
- 149 deseja alguma coisa?
- 150 C28f Não quero nada obrigada.
- 151 X Gostaria de um café, uma água
- 152 senhora
- 153 C29f um chocolate quente por favor.
- 154 ...
- 155 X um minutinho só....
- 156 Aqui...
- 157 C30m Me dá um cafezinho.
- 158 X Deseja uma água junto ...
- 159 tem pão de queijo... acabou de sair...
- 160 C30m Não
- 161 quero um cafezinho só
- 162 X Sim senhor.
- 163 [ oi.. acho que está bom já... já, já estamos há muito tempo aqui]

- 164 X Ai, eu nem me lembrava mais ( risos)  
 165 (barulho intenso)

## 2. Contexto interacional nº 1.

### 2.1

Cantina do Centro Espírita

Data: 04 de novembro de 2006

Tempo de gravação: aproximadamente 38 minutos

Participantes:

X – rapaz que atende na cantina

C1 a C25- clientes/ f-feminino/m-masculino

- 001 C1-f Me vê uma aguinha por favor  
 002 Quero bala também  
 003 X A senhora quer sete?  
 004 É sete por cinqüenta centavos  
 005 Vou separar ali ta bom?  
 006 ...  
 007 Espera aí que estou botando no nome da senhora  
 008 Que nome posso botar pra senhora?  
 009 C1-f é... Tem que ser um nome só né?  
 010 X Qual o nome da senhora?  
 011 O nome da senhora?  
 012 C1-f Tem que botar o nome todo é?  
 013 X Não

014		Só o primeiro
015	C1-f	Maria Coragem
016	X	Maria?
017	C1-f	É... Coragem... Maria Coragem
018	X	É com “g” ou com?
019	C1-f	É com “g”
020	X	Ta bom assim?
021	C1-f	Ta ótimo
022		obrigado
023		...
024	C2-f	Tem água?
025		Quanto é que é cada uma?
026	X	1 real senhora
027	C2-f	A etiqueta por favor?
028		...
029	X	Aqui 2 reais
030		A senhora quer um saquinho plástico
031	C2-f	Obrigada
032	C3-f	Quanto é a água?
033		Tem água aí? Tem água?
034		Me vê água por favor?
035		Quanto é
036	X	1 real
037		A senhora vai uma aguinha também
038		Sanduíche natural por favor e uma coca-cola light
039	C4-f	Me dá também água quente
040		Vou ficar devendo a etiqueta
041	X	Porque a minha acabou
042		Mas pego o guardanapo ali

043 E a gente põe o nome  
045 Qual o nome pra botar pra senhora?  
046 C4-f Bruno  
047 X Aqui... pronto  
048 ...  
049 C5-f Me vê a água por favor?  
050 X É natural que a senhora quer?  
051 C5-f É  
052 ...  
053 C6-m Quanto que ta?  
054 X Essa daqui?  
055 Sessenta centavos  
056 C6-m Me vê uma água e isso daqui  
057 X Um e sessenta  
058 A etiqueta acabou  
059 Vou botar o nome aqui no guardanapo  
060 C7-m Tem amendoim?  
061 X Amendoim  
062 ...  
063 Fala Doutor  
064 ...  
065 Oi  
066 C8-m Cinqüenta com quarenta noventa  
067 X Oi  
068 Um e quinze  
069 Tem quinze centavos?  
070 ...  
071 C9-m Um salgado com refresco por favor  
072 X Salgado com refresco

- 073 C9-m Quanto é a cocada?  
074 X Setenta centavos  
075 Quer também?  
076 Um e oitenta com setenta  
077 Dois e cinqüenta com  
078 Sete e dez  
079 ...
- 080 C10-f A balinha é quanto?  
081 X Sete por cinqüenta  
082 E quinze um real  
083 Só a senhora pedir pra ela ali
- 084 C11-f Um suco e um salgado  
085 X Um e oitenta
- 086 C12-f Quanto é essa cocada? Setenta?  
087 X É... setenta centavos  
088 ...
- 089 C13-f Humm  
090 Todas estão fresquinhas?  
091 X Sim senhora  
092 ...
- 093 X Cafezinho?  
094 Aqui  
095 X Boa tarde
- 096 C14-m Um salgado  
097 X Um salgado e para beber?
- 098 C14-m Um guaraná natura  
099 X Guaraná natural  
100 Cinqüenta centavos  
101 ...

102 Um e oitenta, dois, cinco, sete, dez  
103 Obrigado  
104 ...  
105 X Boa tarde  
106 C15-f Uma água  
107 X Uma garrafinha?  
108 Um real da água  
109 E cinqüenta centavos de bala  
110 Obrigado  
111 ...  
112 Oi... é cafezinho que a senhora quer?  
113 C16-f Não  
114 É maracujá  
115 É um e cinqüenta né?  
116 X Obrigado  
117 ...  
118 oi  
119 C17-f Oi  
120 Tudo bem?  
121 X Tudo bem com a senhora?  
122 C17-f Acho que agora acabou de abacaxi né?  
123 X Acabou  
124 C17-f De que que tem?  
125 Isso aqui é o quê?  
126 X Cocada também  
127 Isso aqui é cocada  
128 Só que caseira  
129 Essa aqui é boa pra caramba  
130



- 131 C17-f Quanto é?
- 132 X Essa aí é setenta e a outra é oitenta
- 133 As duas são boas...
- 134 obrigado
- 135 C17-f Tchau
- 136 ...
- 137 C18-f Bolo
- 138 X Senhora?
- 139 C18-f Bolo
- 140 X Um pedaço de bolo??
- 141 Só bolo a senhora deseja?
- 142 C18-f É... só bolo
- 143 X Um e trinta
- 144 C18-f Vou te dar moedinhas
- 145 X Melhor ainda (risos)
- 146 ...
- 147 X Um salgado e um refresco
- 148 Um e oitenta
- 189 obrigado
- 150 C20-m Quanto é o suco moço
- 151 X Guaraná natural?
- 152 Cinqüenta centavos
- 153 Obrigado
- 154 ...
- 155 C21-f Me vê uma garrafinha d'água?
- 156 X Natural mesmo ou gelada?
- 157 C21-f Quanto é por favor?
- 158 X Um e trinta
- 159 Quer um salgadinho também?

160	C21-f	Não,não
161		Obrigado...
162	X	Boa tarde
163	C23-f	Água quente por favor
164	X	Só vou ficar devendo a etiqueta pra senhora
165		Que a minha acabou
166		Sabe o que a senhora pode fazer
167		Pega o guardanapo ali
168		Que aí eu boto pra senhora o nome da senhora no guardanapo
169	C24-f	Obrigada
170		...
171	X	Boa tarde
172	C25-f	Me vê uma garrafinha d'água?
173	X	É para fluidificamento que a senhora quer?
174		Não
175	C25-f	gelada
176	X	Com gás ou sem?
177	C25-f	obrigada

## 2.2

Cantina da Faculdade de Letras/UFRJ

Data: 28 de outubro de 2006

Tempo de duração: 38 minutos

Participantes: Atendentes: X1 a X3

Clientes: C1 a C15

F – feminino/ M- masculino

001 X Ah você quer uma coca? Tudo bem pera ai...  
002 um e cinqüenta e cinco  
003 Pior que eu nuca sei o preço disso mermo...  
004 C1f obrigada  
005 C2f Eu quero um misto de queijo prato, prato não...  
006 queijo minas, presunto, pão integral e um pão de  
queijo.  
007 X Um pão de queijo ou uma porção de pão de  
queijo?  
008 C2f Ah eu quero uma porção...  
009 e..hum...  
010 ...pra beber o que tem pra beber?  
011 X Coca Light, guaraplus, e mate...  
012 C2f Tem DelVale não?"  
013 X Tem suco de garrafa de pêssigo e morango  
014 C2f Me vê uma coca light  
015 C3m Eu quero um misto, um sanduíche de frios lá do  
outro lado...  
016 aquilo é sanduíche natural?  
017 X Isso aquilo é sanduíche natural...  
018 C3f Ta me dá um desse, um misto e uma coca...  
019 é uma coca.  
020 ...  
021 C3f brigada  
022 X de nada  
023 C3m Quanto que é aquele de amendoim?  
024 X um e setenta"  
025 C3m Quanto é a porção de pão de queijo  
026 X um e trinta  
027 C3m brigado

- 028 C4m Tudo bem meu amigo me dá um cafezinho.  
029 Um cafezinho e um bombom  
030 C5m me vê um misto  
031 C4m brigado  
032 C5m brigado  
033 C6m Tem....  
034 X não tem....  
035 C6m ah então me vê esses que tão aí...  
036 X Todos?  
037 C6fm Três então...e uma coca.  
038 X Ah ta...  
039 Ih você esqueceu isso aqui  
040 C6m Ah não...  
041 X ta gravando, a menina colocou ai pra gravar pra  
fazer um trabalho.  
042 C6m Ah ta.  
043 X Ai ta gravando  
044 três....e uma coca light neh?  
045 C6m claro  
046 brigado  
047 X brigado você  
048 C7m vê um caldo  
049 brigado  
050 X2 Ah Daniel você também deixou uma bagunça, você  
não soma tudo, você não  
051 faz nada disso...  
052 X3 Isso aí atrasa a gente pra caramba...  
053 X2 Você não tem noção.  
054 X3 Mas é verdade Daniel você em vez de adiantar pra  
quando bater o caixa  
055 bater

056                    Rapidinho

057                    ...

058                    Você pagou a Marcia? Fui perguntar a ele se você  
tinha pago ela.

059    X1                quatro e cinqüenta neh.

060    X2                Ah lá dentro ta uma lixarada só.

061    X1                Ah você ta fazendo uma confusão comigo.

062    X2                Ai meu Deus do céu

063                    Tira logo a fita Daniel

064                    ...

065    X3                Ah Daniel agora a gente vai ter que contar tudo de  
novo

066    C8f                Eu quero um chocolate

067    X2                Qual chocolate?

068                    Ah é um chocolate quente...

069                    Ah ta.

070    C9m                me vê um queijo minas com pão integral e um copo  
de mate.

071    X2                Ah não tem mate

072    C9m                tem guaraná diet?

073    X2                Ah vai ter que contar tudo de novo...

074    X1                ah e você deixou o homem um tempão parado.

075    C10f                Eu quero uma coca light

076    C11m                Uma coca por favor

077    X2                Dá uma vontade de matar o Daniel

078    C12f                Dois saquinhos de pão de queijo

079    X2                Dois saquinhos de pão de queijo é?

080                    É...ih ta gravando aqui é...

081                    Oi...

082    C13m                Olá

083                    Uma porção de...

- 084 C14f Me dá um um canudinho por favor...
- 085 C15m me vê uma porção de pão de queijo e uma coca por f

### 3. Contexto interacional n.º 3

#### Avião – serviço de comissárias

Data: 09/01/07

Tempo de gravação: 21 minutos

Participantes: Comissária = X

Passageiros = C1 a C37

Feminino = f masculino = m

- |     |     |   |
|-----|-----|---|
| 001 | X   | Bebidas, senhor...                              |
| 002 |     | uma água ou café?                               |
| 003 | C1m | Não quero nada, obrigado.                       |
| 004 |     | Bebidas, senhor                                 |
| 005 | C2f | Uma água por favor.                             |
| 006 | X   | Bom dia senhora!                                |
| 007 |     | Aceita bebidas....                              |
| 008 |     | Refrigerante, suco laranja, goiaba light e café |
| 009 | C3f | Laranja, sim.                                   |
| 010 |     | Obrigada...                                     |
| 011 |     | Mais...   |
| 012 |     | Se tiver um amendoimzinho                       |
| 013 |     | Eu te agradeço.                                 |
| 014 | X   | Pois não senhora.                               |
| 015 |     | ...   |
| 016 | C3f | Agradecida.                                     |

017	X	Bebidas, senhor.
018	C4m	Quero uma Pepsi light.
019	X	Sim senhor
020		...
021	C4m	Obrigado.
022	X	Bebidas senhor?
023		Refrigerante, suco laranja, goiaba light e café
024	C5f	Quero água...
025		Obrigada
026	X	Bebidas senhora?
027	C6f	Obrigado mas...
028		Não estou com sede...
029	C7m	Moça!!! (alguém chama)
030	X	Sim senhor...
031		Em que posso ajudar?
032	C7m	Eu queria comer
033		Uma batatinha tem?
034	X	Bebidas, senhor...
035		Aqui está.
036	C7m	Obrigado minha filha.
037	X	Bebidas, senhor...
038		Refrigerante light?
039	C8m	Me dá uma Pepsi Light
040	X	Bebidas, senhora...
041		Pepsi, Pepsi Light, Guaraná, Guaraná light , suco laranja, goiaba light e café
042		....
043	C9	obrigada
044	X	Deseja um café, uma água...?
045	C10m	Café aceito sim...

046		Quero uma água sem gelo também
047	X	Sim senhor
048		O senhor deseja biscoitos doces ou salgados?
049	C10m	Me dá um biscoito salgadinho
050	X	Pepsi, Pepsi Light, Guaraná, Guaraná light, suco laranja, goiaba light, água e café
051	C10m	Obrigado...
052		guardanapo.. guardanapo.
053	X	Bebidas, senhor...
054		Deseja apenas uma água?
055	C11m	Me dá uma sem gelo
056	X	Sim senhor
057	X	Bebidas, senhor...
058	X	Bebidas, senhor...
059		...
060	C11m	Tem o quê?.
061	X	Pepsi, Pepsi Light, Guaraná, Guaraná light, suco laranja, goiaba light e café
062	X	Deseja uma água...
063		Aceita bebida, senhora
064	C12f	Não
065	X	Bebidas, senhores.
066		Pepsi, Pepsi Light, Guaraná, Guaraná light, suco laranja, goiaba light, água e café
067		uma água sem gelo...
068	C13m	obrigado.
069	C14m	Eu quero uma aguinha...
070		Por favor.
071	X	Deseja bebida, senhor
072	X	Bebidas, senhor...
073	C15m	Me vê uma Pepsi light



074	C16m	Goiba, por favor
075	X	Aceita bebida, senhor
076	X	Temos Pepsi, Pepsi Light, Guaraná, Guaraná light, suco laranja, goiaba light, água.... e café
077	C17m	um suco de laranja
078	X	Bebidas, senhora...
079	X	Bebidas, senhores
080	X	E para beber?
081	C18f	um Guaraná... obrigado
082	X	Bebidas, senhor, tem... Pepsi, Pepsi Light, Guaraná, Guaraná light, suco laranja, goiaba light, água e café
083	C19m	um café
084	C20m	aceito uma água sem gelo
085	X	Deseja um café...
086	X	Bebidas, senhora
087	C21f	Não não...
088	X	Bebidas, senhora
089	X	Bebidas, senhor.
090	X	Aceita água?
091	C22m	quero uma pepsi
092	X	Deseja algo para beber senhor...
093	X	Bebidas, senhor
094	C23m	Não obrigado.
095	X	Deseja café, uma água?
096	X	Bebidas, senhor
097	C24f	Aceito sim
098	X	Bebidas, senhora
099	X	Bebidas, senhora
100	X	tem Pepsi, Pepsi Light, Guaraná, Guaraná light, suco laranja, goiaba light, água e café
101	X	Bebidas, senhor ...

102	X	uma água sem gelo
103	C25f	Quero laranja... sem gelo
104	X	Aceita bebida
105		Bebida, senhor
106	C26f	me dá um guaraná
107		Obrigada.
108	X	Deseja café, água...
109	X	Bebida, senhor?
110	X	Bebidas, senhor, tem... Pepsi, Pepsi Light, Guaraná, Guaraná light, suco laranja, goiaba light, água e café
111	C27m	um café
112	C28m	aceito uma água sem gelo
113	X	Deseja um café...
114	X	Bebidas, senhora
115	C29f	Não não...
116	X	Bebidas, senhora
117	X	Bebidas, senhor.
118	X	Aceita água?
119	C30m	quero um guaraná
120	X	Deseja algo para beber senhor...
121	X	Bebidas, senhor
122	C31m	Não obrigado.
123	X	Deseja café, uma água?
124	X	Bebidas, senhor
125	C32f	Aceito sim
126	X	Bebidas, senhora
127	X	Bebidas, senhora
128	X	Sim senhora.
129	X	Bebidas, senhores
130	X	E para beber?

- 131 C33f um Guaraná... obrigado
- 132 X Bebidas, senhor, tem... Pepsi, Pepsi Light, Guaraná, Guaraná light, suco laranja, goiaba light, água e café
- 133 C34m um café
- 134 C35m aceito uma água sem gelo
- 135 X Deseja um café...
- 136 X Bebidas, senhora
- 137 C36f Não não...
- 138 X Bebidas, senhora...
- 139 C37f Eu quero um café
- 140 X Aceita água senhora
- 141 C38f Obrigada.
- 142 X Deseja um café, uma água...
- 143 Tem guaraná e pepsi light
- 144 C39m Quero uma água
- 145 X Bebidas, senhor
- 146 X Aceita bebidas, senhor
- 147 C40m sim, tem suco.... laranja
- 148 X Deseja um café, uma água...
- 149 X uma água sem gelo
- 150 C41f Não quero nada obrigada.
- 151 X Deseja bebidas, senhor
- 152 X Bebidas, senhora...
- 153 C42f Uma água por favor.
- 154 X Bebidas, senhora
- 155 X Deseja um café uma água...
- 156 X Café, Pepsi, Pepsi light...
- 157 C43m Me dá um cafezinho.
- 158 X Deseja uma bebida, senhor...
- 159 X um refrigerante light?

- 160 C44m uma Pepsi light
- 161 Quero uma cerveja tem?
- 162 X Não senhor.
- 163 C45m Então me dá um suco... goiaba
- 164 X Pois não senhor.
- 165 C46m uma água sem gelo
- 166 ...
- 168 X Café, água ou refrigerante?
- 169 C47m Eu quero um...
- 170 X Bebidas, senhora...
- 171 X Aceita bebida...
- 172 X uma água sem gás
- 173 X Aceita bebida...
- 174 X Por favor.
- 175 X Bebidas, senhor
- 176 C48m Café
- 177 X Deseja uma água....
- 178 C49m Me dá mais um sanduíche.
- 179 X Bebidas
- 180 C50m Obrigado.
- 181 X Deseja um café, água...
- 182 X Aceita bebida, senhora
- 183 C51f Por favor...
- 184 uma água
- 185 X Bebida, senhor
- 186 X Aceitaria bebida, senhora
- 187 C52f goiaba light
- 188 X Deseja uma água um café...
- 189 Bebidas, senhor

- 190 C53f Nada não
- 191 X Bebidas, senhor
- 192 X Bebidas, senhora
- 193 C54f Não obrigada.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)